

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRA: UMA
ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CHINA**

APARICIO FEDERICO SARAVIA SINERIZ

**MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO
(TCCII)**

**Sant'Ana do Livramento
2017**

APARICIO FEDERICO SARAVIA SINERIZ

**REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRA: UMA
ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CHINA**

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Econômicas pela Universidade Federal do
Pampa - UNIPAMPA.

Orientador: Prof. (a) Dra. Debora Nayar Hoff

Sant'Ana do Livramento

2017

338.76 Sineriz, Aparicio Federico Saravia
S616r Reprimarização da Pauta de Exportações Brasileira:
Uma Análise da Influência da China / Aparicio Federico
Saravia Sineriz.
64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, CIÊNCIAS ECONÔMICAS,
2017.

"Orientação: Debora Nayar Hoff".

1. Reprimarização. 2. Comércio Internacional. 3.
Pauta de Exportações. 4. China. I. Título.

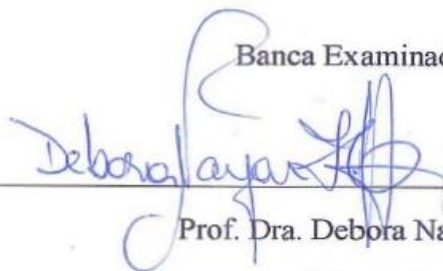
APARICIO FEDERICO SARAVIA SINERIZ

**REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRA: UMA
ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas pela
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.
Área de concentração: Ciências Econômicas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em dia: 27/12/17

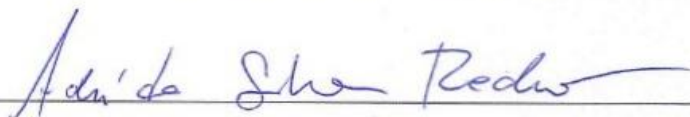
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Debora Nayar Hoff

Orientador

Curso de Ciências Econômicas – Unipampa



Prof. Ms. André Redivo

Curso de Ciências Econômicas – Unipampa



Prof. Ms. Margarete Leniza López Gonçalves

Curso de Ciências Econômicas – Unipampa

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a minha família, especialmente a minha mãe Analucy Siñeriz por me dar o apoio incondicional em todas as etapas da minha vida, assim como servir de exemplo de todos os valores éticos e morais que me proporcionam tranquilidade e grande realização.

Agradeço a Universidade Federal do Pampa pela oportunidade de me formar não só como Economista mas também como uma pessoa crítica respeito a realidade. Principalmente gostaria de agradecer a minha orientadora Dra. Debora Hoff, pelo apoio, inspiração, paciência e dedicação no percorrer deste trabalho. Finalmente agradeço a meus colegas de curso, permitindo que esta jornada se torna-se mais leve em momentos de pressão.

RESUMO

Entende-se reprimarização de uma pauta de exportações ao processo de especialização na comercialização de bens primários ou não industriais. Esta tende a ser uma característica de economias que ainda não alcançaram o desenvolvimento industrial ou que não são competitivas internacionalmente na concorrência entre estes produtos. Existem sinalizações de que talvez a pauta exportadora brasileira, apesar de todo o esforço de industrialização feito ao longo do tempo, esteja passando por um processo de reprimarização. O objetivo geral desta pesquisa é analisar se há uma tendência de reprimarização na pauta de exportações brasileira no período de 2001-2016. E se essa tendência se mantém com as repercussões da crise sub-prime de 2008 já que esta poderia trazer implicações de dependência com os parceiros comerciais como mecanismo de recuperação. É uma pesquisa de enfoque quantitativo a qual usa técnicas de pesquisa bibliográfica e documental e bases de dados secundários. A análise dos mesmos será feita por estatística descritiva e por triangulação entre estes resultados e os resultados obtidos por pesquisas semelhantes já publicadas. Os resultados encontrados foram um aumento nas exportações dos produtos primários no período observado, e uma redução do volume de exportações de produtos manufaturados, apresentando uma tendência de reprimarização na pauta exportadora. Conjuntamente com isso, foi observado um expressivo aumento do volume exportado para o mercado Chinês. Finalmente, observou-se que a crise de 2008 não apresentou um impacto nesta tendência, porém, é possível observar a China como um meio de recuperação no período de recessão pós-crise decorrente do volume de exportações em aumento mesmo em períodos de recessão.

Palavras chave: Reprimarização, Comércio Internacional, Pauta de Exportações, China.

ABSTRACT

It is known as reprimarization of the exporting agenda exports to the process of specialization in trading primary or non-industrial goods. This tends to be a feature of economies that have not yet reached industrial development or are not competitive internationally in competition between these products. There are signs that perhaps Brazil's exporting agenda, despite all the effort of industrialization made over its history, is undergoing to a process of reprimarization. The general objective of this research is to analyze if there is a tendency of reprimarization in the Brazilian export agenda in the period of 2001-2016. And if this trend continues with the repercussions of the sub-prime crisis of 2008 since this could have implications of dependence with trading partners as a recovery mechanism. This research utilizes a quantitative approach research that uses bibliographic and documentary research techniques and secondary databases. The analysis will be realised with descriptive statistics and by the triangulation between these results and the results obtained by similar researches already published. The results found were an increase in the exports of primary products in the period observed, and a reduction in the volume of exports of manufactured products, presenting a tendency of reprimarization in the export agenda. In conjunction with this, was observed a significant increase in volume exported to the Chinese market. Finally, it was noted that the 2008 crisis did not have an impact on this trend, but China can be seen as a mean of recovery in the post-crisis recession period due to the volume of exports rising even in periods of recession.

Keywords: Reprimarization, International Trading, Exporting Agenda, China.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização da pesquisa em base aos objetivos específicos.	17
Tabela 2 - Resumo das pesquisas aplicadas acerca do tema com enfoque para o método utilizado.	28
Tabela 3 - Exportações direcionadas à Argentina por fator agregado no período de 2001 – 2016 em US\$.	46
Tabela 4 - Exportações direcionadas aos Estados Unidos por fator agregado no período 2001-2016 em US\$.	48
Tabela 5 - Exportações com destino à Holanda por fator agregado em US\$ no período 2001-2016.	50
Tabela 6 - Exportações com destino à Alemanha por fator agregado em US\$ no período 2001-2016.	51
Tabela 7 - Exportações com destino à China por fator agregado em US\$ no período 2001-2016.	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Exportações totais do Brasil em US\$ do período 2001 a 2016.....	32
Gráfico 2 - Participação das exportações no PIB brasileiro no período 2000-2015 em percentual.	33
Gráfico 3 - Distribuição das exportações brasileiras segundo nível de agregação, de 2001 a 2016, em percentual do total exportado.....	34
Gráfico 4 - Exportações do Brasil para os principais parceiros internacionais, de 2001 a 2016, em US\$	35
Gráfico 5 - Participação das importações dos Estados Unidos na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016, em percentual do total exportado.	37
Gráfico 6- Participação das importações da Argentina na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016, em percentual do total exportado.	38
Gráfico 7 - Participação das importações da Holanda na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.	39
Gráfico 8- Participação das importações da Alemanha na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.	40
Gráfico 9- Participação das importações da China na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.	41
Gráfico 10– Importações de produtos básicos dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016	42
Gráfico 11- Importações de produtos semimanufaturados dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016	43
Gráfico 12- Importações de produtos manufaturados dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016.....	44
Gráfico 14– Exportações totais de Soja e volume destinado à China em US\$ no período 2001-2016	55
Gráfico 15– Exportações totais de Minérios e volume direcionado à China em US\$ no período de 2001-2016.....	56
Gráfico 18– Exportações totais de Carnes e volume destinado à China em US\$ no período de 2001-2016.....	58
Gráfico 19– Exportação total e volume direcionado à China de combustíveis minerais, petróleo bruto e seus derivados em US\$ no período 2001-2016.....	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Passos da pesquisa	14
-------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 Metodologia.....	14
2. COMÉRCIO INTERNACIONAL: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E REPRIMARIZAÇÃO	18
2.1 Teorias clássicas de comércio internacional.....	18
2.1.1 Vantagens Absolutas.....	18
2.1.2 Vantagens Comparativas.....	20
2.2 Teorias contemporâneas de comercio internacional.....	22
2.2.1 Hecksher-Ohlin	22
2.2.2 Índice de Vantagens Comparativas Reveladas	23
2.3 Reprimarização: Causas e Métodos de Análise.....	24
2.4 O “Efeito – China”	29
3. ANÁLISE DA PAUTA EXPORTADORA BRASILEIRA.....	31
3.1 A pauta exportadora: panorama geral.....	31
3.2 Os Principais Destinos das Exportações Brasileiras.....	34
3.2.1 Análise dos Principais Destinos das Exportações Brasileiras Considerando dados Agregados.....	35
3.2.2 Principais parceiros por fator agregado.....	41
3.2.3 Principais parceiros e reprimarização	45
3.3 Principais produtos da pauta e a influência chinesa	54
3.3.1 Exportação de Soja.....	54
3.3.2 Exportação de Minérios	56
3.3.3 Exportação de carnes	57
3.3.4 Exportação de petróleo e derivados	58
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

A economia brasileira apresentou, desde sua origem colonial, uma propensão à exportações de produtos primários. Isso pode ser observado na obra “Formação econômica do Brasil” de Celso Furtado, na qual o autor demonstra, através de uma perspectiva histórica, o processo da formação da economia Brasileira e suas etapas.

Na década de 1990 a abertura comercial iniciada nos governos Collor e FHC, fomentou uma maior participação das exportações. Isto gerou controvérsias segundo distintas perspectivas. Defensores argumentam que essa abertura causou um aumento concorrência ao produto nacional gerando de ganhos de produtividade. Por outro lado, seus críticos observam essa ação como precipitada, tendo levado o Brasil e a produção nacional a enfrentar muitas dificuldades, para as quais não estava preparada dado os anos de crise sucessiva na década de 1980. As dificuldades geraram o fechamento de muitas empresas em diversos ramos, decorrente da incapacidade de acompanhar os padrões competitivos internacionais, dando origem a um possível processo de desindustrialização (MOTTA, 1999; LACERDA, 2000).

Na primeira década dos anos 2000 observa-se um grande crescimento econômico. Nesse período ocorreu, como consequência, um aumento nas exportações brasileiras, direcionadas principalmente para a China, a qual demandava uma maior quantidade de produtos primários para abastecer o seu rápido crescimento. Esta situação fez com que a China passasse a apresentar um papel relevante como parceiro comercial do Brasil, muito provavelmente influenciando a sua pauta de exportações (PINTO, 2011; PEREIRA, 2012). Isto, segundo Cano (2012), pode ser explicado como uma repercussão de fatores como políticas cambiais, abertura comercial, taxa de juros e investimento direto estrangeiro. Estudos como o de Avila (2012), sinalizam que essas circunstâncias podem dar origem a um processo de reprimarização. A reprimarização da pauta de exportações trata respeito a que a estrutura das exportações de um país determinado, após a mudança, apresenta uma participação relativa maior dos produtos agrícolas produzidos no país e uma menor participação dos produtos manufaturados.

Como contraponto ao período de crescimento pode-se observar a crise sub-prime de 2008. Há importância em ressaltar a crise já que esta influenciou os níveis de participação das exportações no PIB. Em 2001 é possível observar uma participação de 10,53% com uma tendência crescente até o ano de 2008, quando se observou uma participação de 12,10%. Os anos seguintes pós-crise apresentam uma redução dessa participação sendo de 9,57% em 2009 e 9,71% em 2010, segundo dados do MDIC (2017). Isto indica a possibilidade de uma

diminuição da participação das exportações no PIB nacional causada pela crise mundial de 2008, o que poderia estar refletindo a tendência de reprimarização apontada por Avila (2012).

Considerando a abertura comercial adotada na década de 90, a dificuldade de concorrer com o mercado internacional, a ascensão do mercado asiático pelo crescimento econômico mundial dos anos 2000 e contando com a presença da China como um parceiro comercial com o Brasil, de fato surgem evidências de reprimarização na pauta exportadora Brasileira? Esta tendência permanece após o surgimento da crise sub-prime de 2008?

Tendo em vista a contextualização apresentada, foram estabelecidos distintos objetivos. O objetivo geral do trabalho é observar se há existência de uma tendência de reprimarização na pauta exportadora brasileira, considerando-se o período de 2001 a 2016, como consequência de um aumento na demanda externa da China. Assim como também verificar se a crise sub-prime de 2008 teve um impacto nessa tendência.

Os objetivos específicos são: a) Analisar a dinâmica das exportações brasileiras ao longo do período observado, buscando identificar se existem mudanças nas proporções exportadas entre bens básicos, semimanufaturados e manufaturados, se esta tendência se modifica após 2008, bem como quais são os bens representativos da pauta exportadora quando se trata de bens básicos. b) Realizar uma pesquisa bibliográfica documental de estudos similares para justificar o comportamento destes dados. c) Em caso de existência de reprimarização, avaliar através dessas informações, se a causa desse fenômeno está ligada a um possível aumento da demanda por produtos primários por parte da China.

O trabalho se mostra viável considerando que há existência de dados para verificar e concluir seus objetivos, portanto, é possível realizá-lo com o fim de contribuir para os estudos do fenômeno de reprimarização com o enfoque específico para um parceiro que amplia sua importância entre os parceiros internacionais do Brasil.

Se bem há existência de autores que abordam o fenômeno da dependência com um parceiro relacionado à doença holandesa, provocada por um processo de desindustrialização, a existência desta não necessariamente significa que há reprimarização na pauta exportadora (DOS SANTOS; ABRITA; GONZALES, 2014). Considerando esta afirmação, o enfoque específico sobre um aumento de demanda externa se faz pouco presente na bibliografia atual no que se refere especificamente a reprimarização. Desta forma espera-se que o estudo desenvolva uma continuidade sobre esses estudos apresentando dados recentes em sua análise.

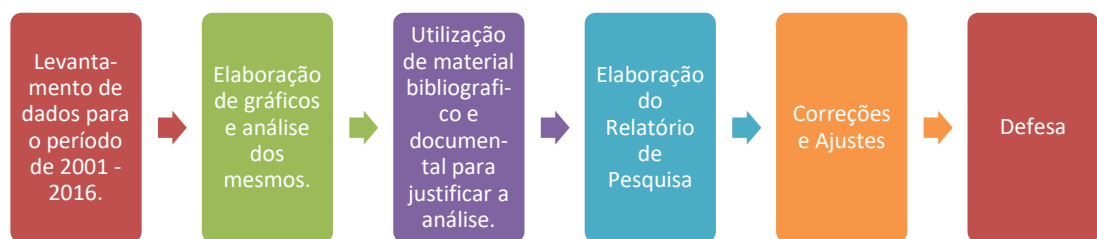
1.1 Metodologia

O trabalho irá a apresentar um enfoque quantitativo na pesquisa, com uma análise descritiva. Para isso será utilizada uma série histórica de dados secundários na análise. O enfoque quantitativo de pesquisa utiliza uma recolecção de dados com a finalidade de comprovar o objetivo da investigação. Ele é sequencial e probatório. Tem como ponto de partida uma hipótese ou pergunta, da qual são determinadas variáveis específicas que são analisadas para chegar a uma conclusão final. A coleta de variáveis deve ser feita com um procedimento padronizado e aceito pela comunidade científica. Considerando a pesquisa quantitativa, busca-se que esta seja o mais objetiva possível, portanto os dados e conclusões apresentadas não devem ser modificados pelo autor (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2010).

A análise descritiva procura especificar características, propriedades e aspectos importantes do fenômeno analisado. Descrevendo tendências deste fenômeno, grupo ou população. A utilização de uma análise descritiva tem a utilidade de mostrar com precisão as dimensões de um determinado contexto ou situação (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2010).

A seguir serão apresentados os passos da pesquisa na figura 1:

Figura 1 - Passos da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo Autor

O levantamento de dados será feito nas bases de dados do Observatório de Complexidade Econômica (OEC), a base de dados do Internacional Trade Center (ITC) a Trade Map, assim como no site do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Os dados irão representar as exportações do Brasil no período especificado separados por seu nível de agregação, com o propósito de procurar a possível tendência de reprimarização. Os níveis de agregação utilizados serão os seguintes:

- Bens básicos: Produtos os quais mantem suas características muito próximas a seu estado natural. Um exemplo de estes bens são as *commodities* como minérios e produtos agrícolas.
- Bens semimanufaturados: São os bens que ainda não se encontram em sua forma definitiva de utilização. Um exemplo de isto é açúcar bruto.
- Bens manufaturados: São os bens que passam por um processo produtivo extra para passar a ser um bem final, poderia ser, continuando com o exemplo anterior, açúcar refinado.

Esta classificação e descrição de bens está disponível na metodologia do MDIC. A qual também apresenta que o cálculo dos bens industrializados são a soma dos bens semimanufaturados com os manufaturados.

Os gráficos e as tabelas elaboradas irão representar o nível de exportações em US\$ por nível de agregação, a proporção que representam na pauta completa de exportação, assim como suas quantidades direcionadas aos cinco principais parceiros comerciais. Estes parceiros são a China, Holanda, Argentina, Alemanha e os Estados Unidos, os quais representam juntos, no período mais recente apurado, 26,92% do total exportado pelo Brasil. Isto será realizado com o intuito de observar o tipo de produtos exportados pelo Brasil para seus principais parceiros e definir os direcionamentos destes produtos, assim como a variação em suas quantidades exportadas no período. Bem como irão identificar a totalidade dos principais produtos exportados do Brasil e as quantidades direcionadas a China, com a finalidade de identificar o peso da sua parceria no movimento comercial externo do país. O material bibliográfico e documental utilizado terá como finalidade a justificação dos argumentos apresentados na análise dos dados, na elaboração da pesquisa, assim como as considerações finais. Este material irá consistir em livros e artigos científicos de estudos anteriores sobre o tema.

Quando feita a análise dos principais produtos básicos exportados pelo Brasil, os produtos utilizados na análise serão a soja (CNAE: 0115-6/00), minérios (CNAEs: 0724-3/01; 0721-9/01; 0722-7/01; 0729-4/04), carnes diversas (CNAEs: 1012-1/02; 1020-1/01; 4634-6/01), combustíveis e derivados de petróleo (CNAE: 4731-8/00) sendo estes os produtos de maior representatividade da pauta segundo o Observatório de Complexidade Econômica.

A Tabela 1 foi montada com a finalidade de apresentar uma organização mais clara entre os objetivos, variáveis e técnicas de pesquisa utilizadas, além das fontes de dados.

O trabalho será dividido em quatro capítulos incluindo esta introdução. O segundo capítulo busca esclarecer por que os países realizam trocas comerciais entre eles. Para isso serão

apresentadas brevemente as principais teorias a seu respeito (Teoria das Vantagens Absolutas de Adam Smith, Teoria das Vantagens Comparativas de David Ricardo e o modelo neoclássico de Hecksher-Ohlin). Neste capítulo também é apresentada uma revisão de literatura sobre reprimarização, suas definições, causas e estudos recentes sobre o tema. No terceiro capítulo serão apresentadas as análises realizadas a partir dos dados selecionados sobre as exportações do Brasil. No capítulo final serão apresentadas as considerações em relação à problemática apresentada.

Tabela 1 - Organização da pesquisa em base aos objetivos específicos.

Objetivo	Variáveis	Técnica de pesquisa.	Fonte
<p>1. Analisar a dinâmica das exportações brasileiras ao longo do período observado, buscando identificar se existem mudanças nas proporções exportadas entre bens básicos, semimanufaturados e manufaturados, se esta tendência se modifica após 2008, bem como quais são os bens representativos da pauta exportadora quando se trata de bens básicos.</p>	<p>a. Volume total de exportações brasileiras do período 2001 – 2016. b. Volume de exportação por tipo de bem. c. Participação percentual no total de cada tipo de bem exportado.</p>	<p>Dados secundários.</p>	<p>OEC, Trade Map.</p>
<p>2. Realizar uma pesquisa bibliográfica documental de estudos similares para justificar o comportamento destes dados.</p>	<p>a. Principais bens exportados, como participação percentual no total ao longo da série.</p>	<p>Dados secundários. Bibliográfica e documental.</p>	<p>OEC, Trade Map, libros e artigos científicos.</p>
<p>3. Em caso de existência de reprimarização, avaliar através dessas informações, se a causa desse fenômeno está ligada a um aumento de demanda externa, mais especificamente da China.</p>	<p>a. Volume total de exportações brasileiras do período 2001 – 2016 destinadas a China. b. Volume de exportação por tipo de bem destinados a China. c. Participação percentual no total de cada tipo de bem exportado.</p>	<p>Dados secundários.</p>	<p>OEC, Trade Map.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

2. COMÉRCIO INTERNACIONAL: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E REPRIMARIZAÇÃO

Para entender o comércio internacional é necessário entender as principais teorias a seu respeito. Neste capítulo serão apresentadas as teorias de Adam Smith e David Ricardo, respectivamente as teorias de vantagem absoluta e vantagens comparativas. Além destas teorias clássicas, será apresentado o modelo neoclássico Hecksher-Ohlin com o propósito de ampliar as considerações sobre os fatores de produção. Conjuntamente com este modelo será observado a chamada Vantagem Comparativa Revelada, a qual apresenta um modo contemporâneo de observar a teoria inicial de David Ricardo, assim como uma forma diferente da sua interpretação.

Conjuntamente com estas teorias será tratado fenômeno reprimarização da pauta exportadora, suas causas segundo diversos autores, assim como o comportamento da China no decorrer do período em termos de comércio internacional com o Brasil, o chamado “Efeito – China”.

2.1 Teorias clássicas de comércio internacional

Nesta primeira seção serão tratadas as teorias clássicas de comércio internacional de Adam Smith e David Ricardo, para entender segundo estes autores o motivo que impulsiona aos países a realizarem trocas internacionais, assim como o modo em que é realizada a escolha de especialização dos bens destinados ao comércio internacional por parte dos países.

2.1.1 Vantagens Absolutas

Na teoria de vantagens absolutas, apresentada por Adam Smith no seu livro “A Riqueza das Nações”, Smith ([1776] 2009) irá apontar que alguns países tendem a produzir certos bens com uma eficiência maior que outros. A explicação desta afirmação segundo ele, reside na divisão internacional do trabalho, a qual levaria a um aumento de produtividade. Esta divisão irá definir de certo modo o tipo de bens, e os bens propriamente ditos os quais os países iriam

se especializar. Cabe ressaltar que segundo ele, isto ocorreria com mais facilidade em um ambiente industrial, devido a propensão a este fenômeno do próprio setor. Esta especialização dos países os levariam a apresentar vantagens uns em relação a outros.

Para explicar isto Smith elabora a teoria de vantagens absolutas na qual considera que o preços dos produtos produzidos estão determinados pela quantidade de horas de trabalho utilizadas em sua produção. Dessa forma, a vantagem absoluta para ele, irá depender da quantidade de horas de trabalho utilizadas para produzir um determinado bem, em comparação com a quantidade de horas de trabalho para produzir o mesmo produto por outro país (CARVALHO, 2007; BADO, 2004; SMITH, [1776] 2009).

Smith apresenta estas conclusões relacionadas ao comércio internacional em contraposição à lógica mercantilista. Para ele as trocas internacionais apresentam uma situação positiva para os países que o praticam. De igual forma, isto somente ocorreria em uma situação na qual o país se especialize completamente no determinado produto o qual ele possui essa vantagem, sendo esta em termos de produtividade. Isto é, a quantidade de horas, trabalho utilizadas na produção. Já que segundo ele, esta especialização levaria a uma melhoria no comercio internacional do país. E conseqüentemente a isso, quando o comércio internacional leva a uma ampliação do mercado dos produtos produzidos domesticamente, segundo a visão de Smith, ocorreria um aprofundamento na divisão do trabalho, acarretando a um aumento da riqueza das nações (BADO, 2004; SMITH, [1776] 2009). Isto irá decorrer das possibilidades de ganhos de escala decorrentes dos volumes produzidos pelo país.

Falando mais especificamente da sua teoria de vantagem absoluta, para compreendê-la de uma forma mais simples toma-se os exemplo de dois países, um país A e um país B. Ambos os países produzem dois bens sendo estes os mesmos nos dois países, poderiam se chamar “Bem 1” e “Bem 2”. A vantagem absoluta estará presente no país o qual utilizar uma menor quantidade de trabalho para produzir um determinado bem.

Caso o país A apresente uma quantidade menor de trabalho necessário para produzir o “Bem 1” que o país B, pode-se dizer que o país A possui uma vantagem absoluta na produção de esse “Bem 1” com relação ao país B. Em uma situação ideal, neste caso o país B possuiria a vantagem absoluta em relação ao país A na produção do “Bem 2” para que possam ocorrer as trocas internacionais. Já que segundo esta teoria, existe a possibilidade que um dos países não apresente dita vantagem absoluta em nenhum dos seus bens com relação ao país oposto, fazendo com que estes não realizem as trocas internacionais (KRUGMAN, 2009; CARVALHO, 2007).

Assim, considerando estas condições, o país que apresente dita vantagem deve se especializar no produto específico e exportar os excedentes de esse bem, e caso a existência de trocas internacionais, importar os bens os quais o país oposto apresenta as vantagens.

2.1.2 Vantagens Comparativas

Outra teoria clássica do comércio internacional é a teoria das vantagens comparativas apresentada por David Ricardo. A sua contribuição para a concepção do comércio internacional se deu na sua argumentação sobre como os países deveriam participar no comércio internacional. Na sua argumentação Ricardo ([1817]1996) observou que os países poderiam continuar mantendo sua participação no comércio internacional mesmo não apresentando uma vantagem absoluta respeito ao país oposto. Para isso, sua teoria de vantagens comparativas irá avançar na perspectiva de como definir as vantagens em ordem de que os países consigam se especializar.

Cabe observar que tanto Adam Smith como Ricardo são defensores do livre comércio, desta forma, seu modelo de comércio está definido não somente com o propósito de especificar como os países devem definir seu comércio internacional, mas também o porquê deles realizarem esta especialização. Para ele, a especialização do comércio internacional e o livre comércio são as soluções mais eficientes para a manutenção da taxa de lucro do país, fazendo com que todos os países envolvidos possam apresentar ganhos (BADO, 2004).

Sua teoria das vantagens comparativas é uma construção de um modelo hipotético dedutivo, o qual permite construir um modelo lógico de estudar a economia. A partir de este modelo é possível tentar interpretar a realidade. Bado (2004) mostra que o modelo ricardiano apresenta certas hipóteses, sendo estas:

- a) o comércio ocorre entre dois países, e somente há dois produtos na análise;
- b) o fator único de produção é o trabalho, tendo ele uma mobilidade perfeita dentro do país e apresentando uma imobilidade no âmbito internacional;
- c) a balança de comercial dos países sempre está em equilíbrio e o custo de transporte é zero;

d) a economia dos países apresenta custos constantes de escala. Estas hipóteses são limitantes do próprio modelo, uma vez que outras possibilidades surgem para justificar o comércio internacional entre países.

O modelo lógico proposto por Ricardo apresenta a situação em que os países irão se especializar na produção de um bem o qual apresenta uma vantagem relativa em relação a outro bem também produzido nesse país. Da mesma forma que a seção anterior, é possível exemplificar este método para facilitar sua compreensão. Para isso é dada a existência de dois países, respectivamente país A e país B, os quais irão produzir dois bens cada um e estes bens são os mesmos em ambos os países.

Assim, tanto no o país A como no país B, serão produzidos dois bens chamados “Bem 1” e “Bem 2”. Diferentemente do modelo de Adam Smith partimos do pressuposto da especialização segundo a vantagem relativa entre os bens produzidos no país, isto é, o custo de oportunidade de abrir mão da produção de um bem, para se dedicar exclusivamente à produção de outro (KRUGMAN, 2009; CARVALHO, 2007).

No comércio internacional este raciocínio funciona em conjunto entre os dois países. A modo de exemplo, em ambos os países será calculado o custo relativo entre seus dois produtos, ou seja, o valor trabalho na produção de um bem em relação ao outro. Caso o custo relativo, ou custo de oportunidade do país A em produzir o Bem 1 for menor que o custo relativo do país B em produzir este mesmo Bem 1, pode-se dizer que o país A apresenta uma vantagem comparativa na produção de este bem (KRUGMAN, 2009; CARVALHO, 2007).

Um fator importante a ser mencionado, é que a existência de uma vantagem comparativa de um país em relação a outro independe da existência de uma vantagem absoluta entre os países. Portanto é possível encontrar vantagens comparativas em um modelo lógico ricardiano mesmo que um dos dois países não apresenta vantagem absoluta em nenhum dos bens produzidos (KRUGMAN, 2009). Nessa perspectiva a alocação dos recursos do país que apresenta as vantagens comparativas, será destinada à produção do bem que ele possui dita vantagem, abrindo mão da produção do bem o qual ele não a possui. Feito isto, exportará os excedentes de sua produção, e importará a produção produzida pelo outro país o qual possui a vantagem comparativa em dito bem.

2.2 Teorias contemporâneas de comercio internacional

Nesta seção serão contempladas as teorias contemporâneas de comercio internacional, com a finalidade de observar algumas formas de análise atuais de dito comercio. Serão apresentado o teorema Hecksher-Ohlin, o qual diversifica os fatores de produção em relação as teorias anteriores, assim como o índice de Vantagens Comparativas Reveladas, com o intuito de observar como são analisadas contemporaneamente as vantagens comparativas de um país.

2.2.1 Hecksher-Ohlin

Como alternativa explicativa acerca das justificativas para o comércio internacional, é elaborado o teorema neoclássico Hecksher-Ohlin. Segundo Bado (2004) o modelo irá surgir no contexto em que não era suficiente a explicação do comércio internacional pelos custos comparativos. Era necessário procurar entender o porquê da existência destes custos e não apenas considerá-los como dados para a análise. Nesse contexto é proposto o comércio internacional como uma troca de fatores abundantes por fatores escassos.

O teorema Hecksher-Ohlin igualmente às teorias anteriormente mencionadas, é um modelo lógico utilizado para interpretar uma realidade, e como tal, utiliza determinados pressupostos. Coronel; Dessimon (2007) os apresenta como sendo:

- a) Há uma existência de duas nações assim como dois fatores de produção, sendo estes capital e trabalho;
- b) As tecnologias estão disponíveis em todo o mundo;
- c) As *commodities* “x” e mão de obra intensiva, assim como as *commodities* “y” são capital intensivo em ambos países;
- d) As *commodities* são produzidas com retornos constantes de escala;
- e) A especialização é incompleta na produção das duas nações;
- f) Os padrões de preferências entre os países são idênticos;
- g) Há existência de concorrência perfeita em ambos os países;
- h) Há mobilidade perfeita dos fatores de produção nos dos países, e ausência de mobilidade internacional de fatores;
- i) Não há existência de custos ou tarifas, assim como obstáculos ao comercio;

- j) Há completa utilização dos recursos em ambas nações;
- k) O comércio internacional entre ambos os países se encontram em equilíbrio.

É possível observar que O teorema Hecksher-Ohlin apresenta as mesmas características estabelecidas nas teorias anteriores, porém, este modelo considera os fatores de produção em excesso como determinantes da especialização da produção do país. Desta forma, o bem no qual o país irá se especializar, será o qual utilize o fator de produção mais abundante no seu território. Esta característica irá permitir a utilização deste fator de forma intensiva para maximizar a produtividade e, conseqüentemente, o bem estar por meio do comércio internacional. Assim, o país irá exportar o bem o qual se especializou, e importar outros bens com a finalidade de maximizar o bem estar do país (CARVALHO, 2007; CAVES; FRANKEL; JONES, 2001).

2.2.2 Índice de Vantagens Comparativas Reveladas

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas é um indicador que apresenta a estrutura relativa das exportações de um determinado país ou região. Este Índice foi proposto por Balassa, em 1965, tendo como ponto de referência a teoria das vantagens comparativas propostas por David Ricardo (CORONEL; DESSIMON, 2007; FIGUEIREDO; DOS SANTOS, 2005).

O índice VCR, é apresentado pela seguinte equação:

$$IVCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj} / X_w)$$

Os termos da equação representam o seguinte:

X_{ij} = Valor das exportações nacionais do bem específico;

X_i = Valor total das exportações nacionais;

X_{wj} = Valor total das exportações mundiais do bem específico;

X_w = Valor total das exportações mundiais;

i = Exportações nacionais;

w = Exportações mundiais;

j = Um bem em específico.

Conforme apresentado em Coronel; Dessimon (2008), caso $IVCR_j > 1 \rightarrow$ O país irá apresentar uma vantagem comparativa revelada para as exportações do bem; $IVCR_j < 1 \rightarrow$ O país não irá apresentar dita vantagem nas exportações do bem.

Considerando-se que o comércio internacional justifica-se pela possibilidade de transacionar bens para os quais o país possui fatores de produção em abundância e pode produzi-los de forma intensiva, algumas consequências podem ser esperadas sobre as economias menos desenvolvidas. Nestes países é comum que a industrialização não tenha acontecido de forma substantiva e ampla e que haja dependência tecnológica de países mais desenvolvidos. Por outro lado, tendem a ser países com recursos naturais e disponibilidade intensiva de mão-de-obra. Assim, na lógica do modelo Hecksher-Olin, assim como na lógica das teorias clássicas, é esperado que a pauta exportadora explore produtos oriundos de setores produtivos onde esta condição gere competitividade internacional, ou por vantagens absolutas, ou por vantagens comparativas (BADO, 2004). Dentre as consequências desta condição, contemporaneamente, sinaliza-se a reprimarização na pauta de exportações e a desindustrialização das economias. Dados os objetivos desta pesquisa, a próxima seção abordará brevemente estas questões, a fim de sinalizar suas principais características.

2.3 Reprimarização: Causas e Métodos de Análise

Observando diversos autor, percebe-se que a reprimarização pode ser observada a partir de diversas perspectivas. Gonçalves (2003) irá apontar a reprimarização por meio de duas vias. Na primeira via, a reprimarização é apresentada como uma consequência da perda de competitividade no comércio internacional. Esta perda mais especificamente, refere-se aos produtos manufaturados. Conjuntamente a essa perda, ocorre um ganho nos produtos agrícolas

exportados por um determinado país. Isto apresenta a primeira forma de interpretação. A segunda perspectiva trata a respeito de mudanças na estrutura das exportações de um país, o que é chamado de reprimarização na pauta de exportações. A reprimarização da pauta de exportações trata respeito a que a estrutura das exportações de um país determinado, após a mudança, apresenta uma participação relativa maior dos produtos agrícolas produzidos no país e uma menor participação dos produtos manufaturados.

Estas perspectivas são complementadas por Pereira (2003). Pereira assinala que ditos fatores causais da reprimarização podem estar relacionados a uma ausência de intervenções, que elevem de uma forma exógena a competitividade internacional dos produtos manufaturados domésticos. Nesta circunstância, é conformada uma tendência a um prevalectimento das vantagens comparativas estáticas, e isto, segundo Pereira, é um ponto chave na geração da reprimarização na pauta exportadora.

Sonaglio *et alli* (2010) irão tratar sobre uma possibilidade da existência do processo de reprimarização da pauta de exportações em um país quando há, de forma conjunta, um aumento nas exportações de bens não industriais, assim como uma redução nas exportações de bens de alta tecnologia. Segundo eles, este processo também pode estar relacionado a apreciações na taxa de câmbio, assim como a uma manutenção de juros elevados. Com base a estes pressupostos, realizaram um estudo utilizando um modelo econométrico, com dados em painel para realizar a análise. Os dados em painel apresentam uma combinação de cortes transversais com séries de tempo e apresentam duas dimensões de variação nos dados, sendo uma espacial e outra temporal. Os autores apresentam este método como vantajoso já que permite uma captação da heterogeneidade entre as unidades estudadas, assim como a possibilidade de identificar a dinâmica de seus comportamentos. Porém, segundo os autores, este método apresenta problemas em relação a situações de correlação cruzada, auto correlação entre unidades no mesmo período de tempo, e heterocedasticidade.

Os resultados obtidos com dita análise apresentam uma alteração na pauta de exportações, provavelmente influenciada tanto pelo cenário econômico internacional, como também per movimentos na taxa de câmbio real. Segundo os autores se bem isto não indica necessariamente a existência de uma doença holandesa ou de um processo de reprimarização no país, a continuidade desse cenário poderia confirmá-la caso se mantenha por certo período de tempo.

Outro estudo voltado à economia brasileira, é apresentado por Avila (2012), nele é mencionado que a causa de aumentos progressivos de produtos primários na pauta de exportações do Brasil, pode estar relacionada a consequências decorrentes do chamado “Efeito-

China”. Este efeito trata-se do crescimento da economia chinesa como consequência do crescimento econômico mundial nos anos 2000. Aumentando consideravelmente sua participação no comércio internacional via demanda, modificando as pautas brasileiras. Isto será tratado na próxima seção do capítulo. Avila (2012), a partir do conceito “Efeito-China”, busca analisar a dinâmica das exportações brasileiras do Brasil para a China e observar os reflexos que isso acarreta para a economia brasileira. Para isso utiliza uma metodologia descritiva, analisando dados das exportações, diferenciando os bens comercializados pelo nível de tecnologia utilizado na sua produção. Os resultados de sua análise apresenta preocupações sobre o volume de produtos não industriais presentes nas exportações do país. A qual, no período estudado, apresentava um dinamismo menor levando a um menor impacto dos produtos não industriais sobre o nível de emprego e a renda.

Outro fator consideravelmente debatido por diversos autores, é a desindustrialização. O processo de desindustrialização, assim como a reprimarização é abordado de distintas maneiras, que serão apresentadas a seguir. Uma destas abordagens é a chamada “ilusão estatística”. Isto consiste na aplicação da mão de obra industrial no setor de serviços, ou seja, o processo de terceirização (BONELLI, 2005; PALMA, 2007). Outra forma de abordar a desindustrialização está relacionada com a observação da elasticidade da demanda da indústria. Esta abordagem apresenta a demanda da indústria como um fator causal do processo. Este processo decorre de um aumento no nível de renda, o qual gera uma tendência de redução da elasticidade demanda pelos produtos industriais. Consequentemente, há um movimento no emprego que se desloca para outros setores, reduzindo-se no setor industrial e apresentando um aumento nos demais (PALMA, 2007; ROWTHORN; RAMASWANY, 1999).

A divisão internacional do trabalho também é vista como uma causa de desindustrialização. Tanto a mão de obra barata como o aumento da terceirização nos países em desenvolvimento faz com que os produtos destes países sejam mais competitivos. Isto gera um aumento de exportações destes países dirigidos aos países industrializados, reduzindo o emprego na indústria destes últimos mencionados (ROWTHORN; RAMASWANY, 1999; PALMA, 2007).

Finalmente uma causa de desindustrialização bastante debatida é a chamada doença holandesa. Este é o nome dado ao efeito de uma valorização cambial presente em um cenário onde há um aumento de exportações de bens primários ou serviços. Nesta perspectiva, uma valorização irá prejudicar o setor industrial, gerando uma redução da sua participação no PIB (FRANKEL, 2010; BRESSER-PEREIRA, 2008). Palma (2007) irá complementar a perspectiva da doença holandesa considerando que os efeitos desta também podem estar relacionados a uma

consequência de políticas macroeconômicas adotadas no país, e apresenta um ênfase principalmente nas políticas cambiais.

Outros estudos observados respeito a reprimarização foram os estudos de Dos Santos *et alli* (2014), Benetti (2006) e Rodríguez (2012). Dos Santos *et alli* (2014), assim como Avila (2012) também irão tratar sobre a economia brasileira, porém, sua análise é voltada especificamente ao mercado de soja. Utilizaram um método estatístico descritivo, no qual foram observados os países que produzem a maior quantidade de soja no mundo assim como a evolução desse mercado, especificamente no Brasil, observando a quantidade em toneladas de soja nas exportações. A conclusão da sua análise apresenta um aumento na produção de soja nos últimos anos. Segundo eles, isto poderia apontar a uma possível especialização futura do Brasil voltada especificamente para o mercado de soja.

Benetti (2006) analisa o papel das *commodities* na balança comercial do Brasil com o exterior e o papel que estas apresentam nas exportações e importações do país. O autor também faz utilização de uma análise estatística descritiva, observando a evolução da participação de produtos primários nas exportações do país. Sua conclusão apresentada no estudo há uma possível tendência de um aumento dos produtos primários nas exportações, decorrente de uma interrupção no processo de transformação estrutural da pauta exportadora a favor de produtos industriais.

Rodríguez (2012) busca analisar os efeitos pós-crise de 2008 na economia colombiana, assim como os impactos que esta apresentou em suas exportações, apontando mais especificamente ao setor de mineração. Com a utilização de estatística descritiva ela analisa a ampliação territorial da mineração colombiana, e a evolução das exportações destes produtos. Seus resultados apresentam uma possível especialização da Colombia para este mercado, ampliando as exportações de dito mercado e como consequência uma geração de problemas ambientais causadas por essa especialização.

A tabela 2 organiza os estudos já coletados a fim de contribuir para a identificação de variáveis e possíveis metodologias para o estudo da reprimarização no Brasil.

Tabela 2 - Resumo das pesquisas aplicadas acerca do tema com enfoque para o método utilizado.

Estudo Observado	Objetivo da pesquisa	Método utilizado	Variáveis de Pesquisa	Resultado Observado
SONAGLIO <i>et alli</i>, 2010.	Observar evidências de desindustrialização na economia brasileira.	Econométrico: Utilização de dados em painel.	Séries de dados mensais: taxa de câmbio real, exportações, importações, taxa de juros. Variações no PIB.	Alteração na pauta de exportações. Alta influência do cenário internacional.
Avila (2012).	Analisar a dinâmica da balança comercial do Brasil.	Enfoque quantitativo e análise descritiva.	Volume de exportações por tipo de produto. Dados percentuais de exportações no Brasil dirigidas a China. Participação realtiva dos produtos na exportação total. Produtos divididos pelo nível de tecnologia necessário para produção.	Preocupações sobre volume de produtos não industriais exportados.
Benetti (2006).	Analisar o papel das commodities na balança comercial do Brasil.	Estatística descritiva.	Participação de produtos primários no valor total das exportações do Brasil.	Aumento de produtos primários nas exportações do Brasil.
Dos Santos <i>et alli</i> (2014).	Analisar o mercado brasileiro de soja.	Enfoque quantitativo e análise descritiva.	Quantidade de exportação em toneladas de soja dos maiores países produtores. Participação do Brasil no comércio mundial. Exportações de soja do Brasil em toneladas.	Possível especialização do Brasil voltada ao mercado de soja.
Rodríguez (2012).	Analisar impactos da crise de 2008 no mercado colombiano.	Estatística descritiva	Participação da mineração no PIB da Colômbia. Evolução das exportações dos produtos da mineração.	Ampliação da mineração no mercado colombiano e aumento de exportações destes produtos.

Fonte: Elaborado pelo Autor

2.4 O “Efeito – China”

A expansão econômica ocorrida nos anos 2000 apresentou como seu impulso, as mudanças estruturais na economia mundial. Estas mudanças ocorreram como consequência da ascensão da China, a qual vinha apresentando uma expansão no seu PIB de 10% anual. Este crescimento pronunciado levou à China a ocupar o lugar da segunda maior economia mundial, maior exportador e segundo em termos de importação, sendo o primeiro lugar neste caso, ocupado pelos Estados Unidos. Neste contexto, a economia chinesa passou a ser tanto o maior importador dentro do mercado asiático, assim como o maior destino das exportações de *commodities* produzidas na América Latina (PINTO, 2011; PEREIRA, 2012).

Este papel da China apresentou significativas transformações estruturais, como remarcadas por Castro (2011) e Pinto e Balanco (2012). Segundo eles estas transformações podem ser resumidas nos seguintes pontos principais:

- a) Uma elevação dos preços internacionais das *commodities*, a quais é fruto tanto da demanda chinesa, como de uma elevação nos seus custos de produção;
- b) Um crescimento baixo no nível de preços dos bens manufaturados, decorrente da competitividade apresentada pela China, a qual apresentava tanto salários baixos como novas formas de gestão e organização em sua produção;
- c) A geração de termos de troca favoráveis a países em desenvolvimento, com ênfase nos países exportadores de *commodities* para a China.
- d) Uma grande expansão mundial de consumo. A qual decorre de mudanças nos preços relativos entre salários e manufaturas, fazendo com que haja um acesso a produtos industriais por parte da população que antes encontrava-se em condições de subsistência. Este ponto de modo específico, surge como consequência dos anteriores mencionados.

Dentro desta contextualização, o denominado “Efeito-China”, provocou uma grande expansão nas exportações dos países da América Latina a partir de 2000, assim como um grande aumento no preço de suas *commodities* exportadas por esta região (PINTO, 2011; PINTO, 2013; PEREIRA, 2012).

Partindo da conceituação apresentada neste capítulo, as causas de reprimarização, seus métodos de análise e o “Efeito-China” o capítulo a seguir será constituído em uma análise da

pauta exportadora brasileira, com a intuito de analisar nela, a existência de um processo de reprimarização.

3. ANÁLISE DA PAUTA EXPORTADORA BRASILEIRA

Neste capítulo procura-se observar a pauta de exportações brasileira. Nele serão identificados os principais produtos exportados do país, assim como seus principais parceiros comerciais. Inicialmente será realizada uma observação dos produtos exportados pelo país segundo seu nível de agregação, com direcionamento a seus principais parceiros comerciais. Logo com base aos principais produtos será feita uma análise gráfica do período de 2001 a 2016 para observar a progressão do comércio destes itens no período mencionado. Além disso, para estes produtos principais, será mostrada a progressão de seu comércio especificamente com a China, com a finalidade de observar a tendência da relação comercial Brasil-China. Isto se justifica considerando o “Efeito – China” observado no capítulo anterior, assim como os objetivos da pesquisa. Os dados utilizados foram extraídos das bases de dados do Observatório de Complexidade Econômica, MDIC, IBGE e Trade Map.

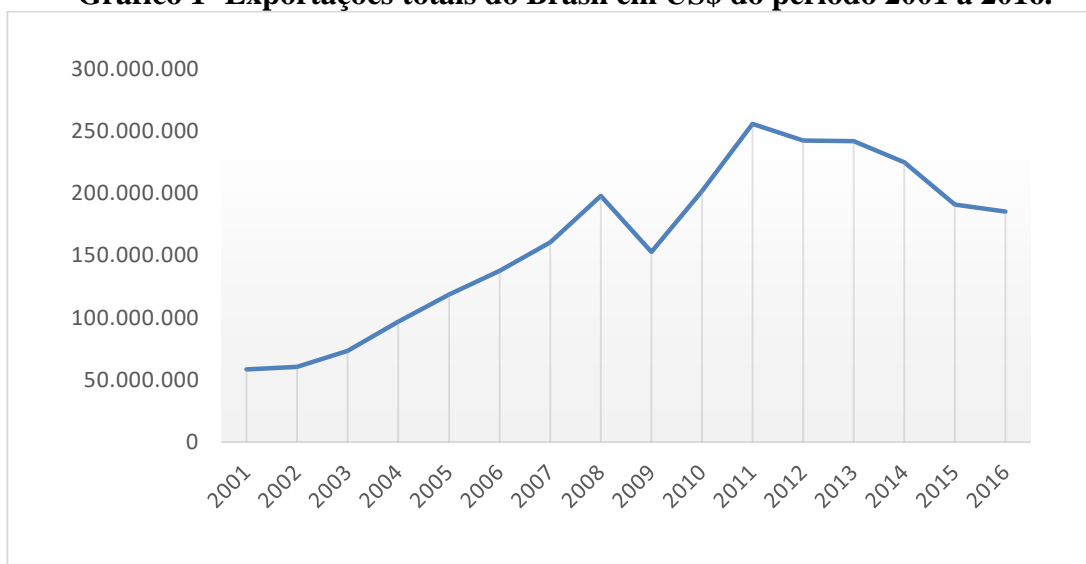
3.1 A pauta exportadora: panorama geral

Segundo a base de dados do Observatório de Complexidade Econômica (OEC), os principais produtos exportados pelo Brasil consistem em Soja, Minérios, “Crude Petroleum” e diversos tipos de carne sendo mais representativa a carne de aves. Dentro destes produtos os de maior quantidade exportada são a Soja, representando um 10,8% de suas exportações totais, e os Minérios representando um 7,77%. Os principais destinos de suas exportações são ocupados pela liderança da China seguida pelos Estados Unidos, Argentina, Holanda e Alemanha, os quais representam, em conjunto, no período mais recente, 26,92% do total exportado, conforme já mencionado. A maioria dos produtos exportados pelo Brasil, segundo o Observatório de Complexidade Econômica, são produtos do setor de *commodities*, considerados com vantagem comparativa revelada. Isto quer dizer que o nível mundial das exportações destes produtos, estão a um nível maior ao esperado, isto tanto em consideração ao tamanho da economia exportadora do Brasil, como também em relação ao tamanho do mercado mundial dos produtos exportados.

Na década de 1990, com a abertura comercial iniciada pelos governos Collor e FHC foi observado um incremento das exportações brasileiras. Isto em fomentou uma maior

participação das exportações na economia, assim como acarretou diversas consequências em relação à concorrência com o mercado externo (LACERDA, 2000; LACERDA *et alli*, 2010; BARROS DE CASTRO, 2011). Se observadas especificamente as exportações totais do país verifica-se a tendência crescente deste aumento mencionado acima. Conforme o Gráfico 1 no período de 2000 até 2008 o valor das exportações brasileiras apresentam uma tendência ascendente aumentando de 50 milhões de dólares para 200 milhões. Em 2008 há uma queda no valor das exportações sendo recuperadas em 2010 em diante onde, a partir de 2011 há sinalizações de uma estabilização nos valores exportados. Onde, se bem se apresentam em um nível inferior ao máximo do período, se mostra com uma possível tendência a aumentar novamente.

Gráfico 1- Exportações totais do Brasil em US\$ do período 2001 a 2016.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Trade Map.

No Gráfico 2 é possível observar a tendência crescente desta participação até o ano de 2004, alcançando os 14,4%, sendo o ponto de maior participação no período. Logo é apresentado um declínio até 2007, o qual alcança o valor de 11,5 %. A partir de 2008 se apresenta uma baixa importante a qual chega a 9,2% em 2009, que poderia estar justificada pela crise mundial. Considerando o fato que o PIB apresentou uma variação percentual de -0,3% em 2009 segundo o IBGE, percebe-se que esta variação ocorre por uma queda exponencial das exportações e não por um crescimento do PIB em proporções maiores a estas. A partir do ano de 2010, há uma tendência de estabilização da participação, na qual a participação mantém-se

em média de 10%, finalizando em 2015 onde ocorre um aumento novamente alcançando os 10,8%.

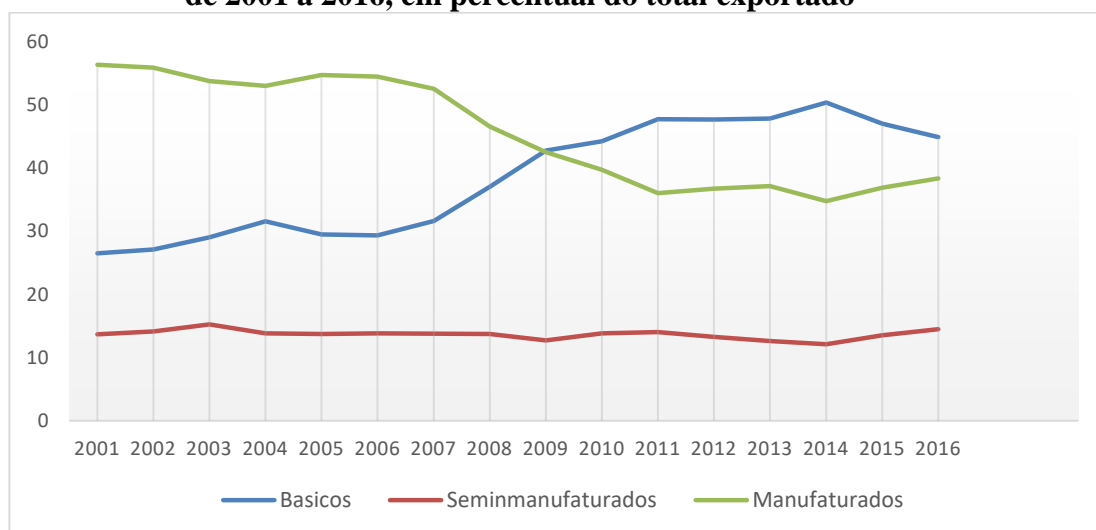
Gráfico 2 - Participação das exportações no PIB brasileiro no período 2000-2015 em percentual.



Fonte: Elaborada pelo autor com dados do MDIC (2017).

Se analisada a tendência das exportações do Brasil segundo o fator agregado, pode-se perceber um aumento na participação dos produtos básicos dentro da pauta (Gráfico 3), aumentando de 27% para 50% no ano de 2014, a partir do qual começa a decrescer novamente finalizando em 45%. Os produtos semimanufaturados apresentam uma tendência constante no total do período estudado mantendo-se apenas acima de 10%. Os produtos manufaturados apresentam uma tendência decrescente desde o começo do período até o ano de 2014, partindo de quase 60% de participação, finalizando abaixo de 40% respectivamente. Observando este gráfico percebe-se uma possível estabilização entre exportações de produtos básicos e manufaturados a ocorrer posteriormente ao período.

Gráfico 3 - Distribuição das exportações brasileiras segundo nível de agregação, de 2001 a 2016, em percentual do total exportado



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

Isto, como mencionado no capítulo anterior, poderia representar uma tendência de reprimarização na pauta de exportações do país no período estudado. Já que além de uma tendência ascendente nos produtos básicos, se observa um decréscimo na participação dos produtos manufaturados conjuntamente a uma tendência estável nos semimanufaturados. Estes movimentos podem ser contemplados com maior clareza quando se observam os principais parceiros comerciais do Brasil mencionados acima. Isto permite uma análise mais específica destas tendências, assim como perceber se simplesmente os principais parceiros conseguem explicar os movimentos apresentados no período.

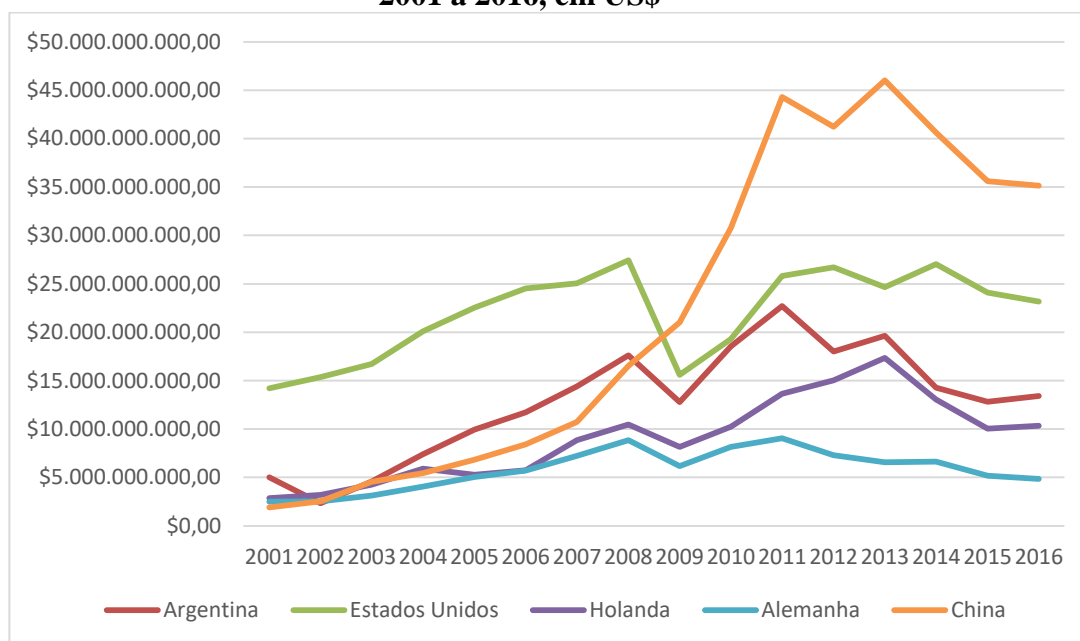
3.2 Os Principais Destinos das Exportações Brasileiras

Nesta seção serão contemplados os volumes totais de exportações para os cinco principais parceiros comerciais do Brasil, assim como os percentuais de participação destes no volume total exportado pelo país. Logo serão observadas as exportações separadas por fator agregado, com a finalidade de observar tanto a tendência de reprimarização, como os possíveis países influentes desta tendência.

3.2.1 Análise dos Principais Destinos das Exportações Brasileiras Considerando dados Agregados

Quanto analisados os volumes totais exportados para cada um dos principais parceiros externos do Brasil, tem-se a conformação apresentada no gráfico 4:

Gráfico 4 - Exportações do Brasil para os principais parceiros internacionais, de 2001 a 2016, em US\$



Fonte: Elaboração própria com dados do MDIC.

Pode-se observar por ele que no período de 2001 a 2008 o principal comprador de produtos brasileiros era os Estados Unidos, num volume que varia de US\$ 14 bilhões no primeiro ano da série para US\$ 27 bilhões em 2008. No ano de 2009 as exportações para este parceiro caem expressivamente alcançando os US\$ 15 bilhões, retomando dinâmica a partir de 2011 atingindo um valor próximo a US\$ 25,5 bilhões, com pequena queda para US\$ 23 bilhões em 2016. A partir de 2008, a liderança apresentada pelos Estados Unidos passou a ser ocupada pela China, onde a tendência de exportações, mantendo-se igualmente à inicial, aumenta expressivamente, sendo inferior a US\$ 5 bilhões no início do período, alcançando um valor acima de US\$ 45 bilhões em 2013. A partir do qual ocorre uma queda que permanece até o ano de 2015 aproximando-se aos US\$ 35 bilhões.

O parceiro que segue a estes dois é a Argentina, apresentando um valor inicial acima de US\$ 5 bilhões, o qual decresce até 2002 alcançando um valor próximo aos US\$3 bilhões. A

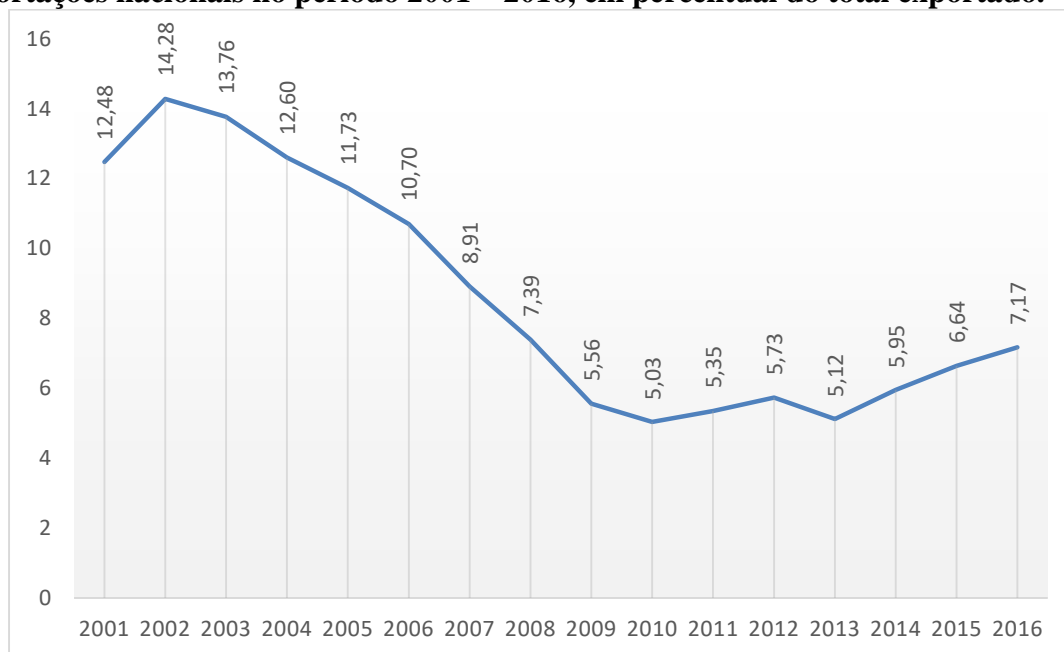
partir de 2002 há um aumento significativo o qual alcança os 17 US\$ bilhões, a partir do qual ocorre uma diminuição no ano de 2008, apresentando um valor inferior a US\$ 15 bilhões. Em 2009 ocorrer novamente um aumento finalizando em 2011 acima dos US\$ 20 bilhões, a partir do qual apresenta uma tendência decrescente até o final do período estudado, onde se observa um valor abaixo de US\$ 15 bilhões.

A Holanda apresenta uma tendência crescente no início do período, partindo próxima a US\$5 bilhões, chegando apenas acima de US\$ 10 bilhões no ano de 2008. A partir deste ano ocorre uma diminuição alcançando um valor inferior a US\$ 10 bilhões no ano de 2009, A partir desse ano é apresentado um crescimento importante, o qual permanece até 2013 chegando acima dos US\$ 15 bilhões, a partir do qual ocorre um declínio que permanece até o final do período aproximando-se novamente aos US\$ 10 bilhões.

A Alemanha apresenta uma tendência inicial similar à Holanda. Partindo abaixo dos US\$ 5 bilhões, mantendo um comportamento ascendente no volume importado até 2008, onde apresenta um valor acima dos US\$ 5 bilhões. Neste ano ocorre uma queda até 2009 voltando novamente à tendência inicial inferior aos US\$ 5 bilhões. A partir de 2009 ocorre um aumento novamente, o qual permanece até 2011, aproximando-se aos US\$ 10 bilhões para finalmente apresentar um decréscimo até o final do período estudado alcançando novamente um valor próximo aos US\$ 5 bilhões.

Em termos de participação percentual, no caso dos Estados Unidos se observa o ponto mais alto de participação em 2002, sendo este um 14% do total exportado pelo Brasil. A partir desse ano a tendência da participação é decrescente, caindo até o ano de 2010 onde representa um 5% do total exportado pelo Brasil, sendo este ponto o de menor participação percentual no total das exportações do país por parte dos Estados Unidos. A partir deste período há uma pequena recuperação, finalizando a série histórica com uma representação de 7% no total de exportações nacionais.

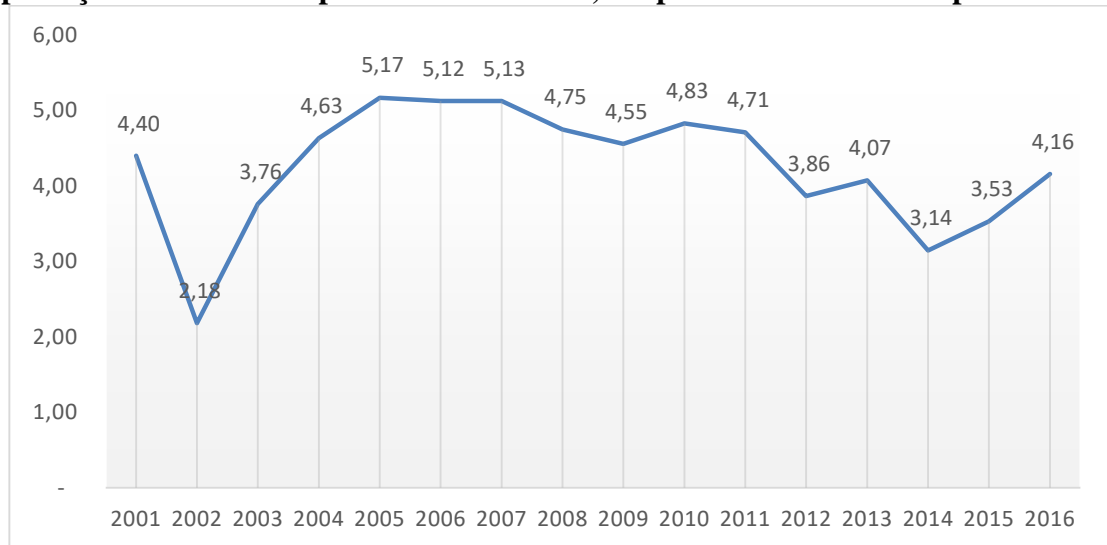
Gráfico 5 - Participação das importações dos Estados Unidos na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016, em percentual do total exportado.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

As exportações totais à Argentina apresentam inicialmente um movimento decrescente no seu nível de participação do total exportado até o ano de 2002, sinalizando um valor apenas acima de 2% das exportações totais do Brasil. A partir deste ano observa-se uma tendência crescente a qual se mantém até 2005, apresentando um valor de 5% das exportações totais. A partir deste ano, o percentual se mantém com um comportamento estável até 2008, onde declínio o qual permanece até 2009, apresentando um valor próximo a 4,5%. A partir desse ano há um aumento novamente mantendo-se até o ano de 2011 ainda não alcançando os 5% do total exportado. A partir deste ano, a participação das importações argentinas apresenta uma tendência decrescente, a qual se mantém até o ano de 2014 aproximando-se a 3% do total exportado. Finalmente ocorre um aumento da participação até o final do período estudado alcançando 4% de participação.

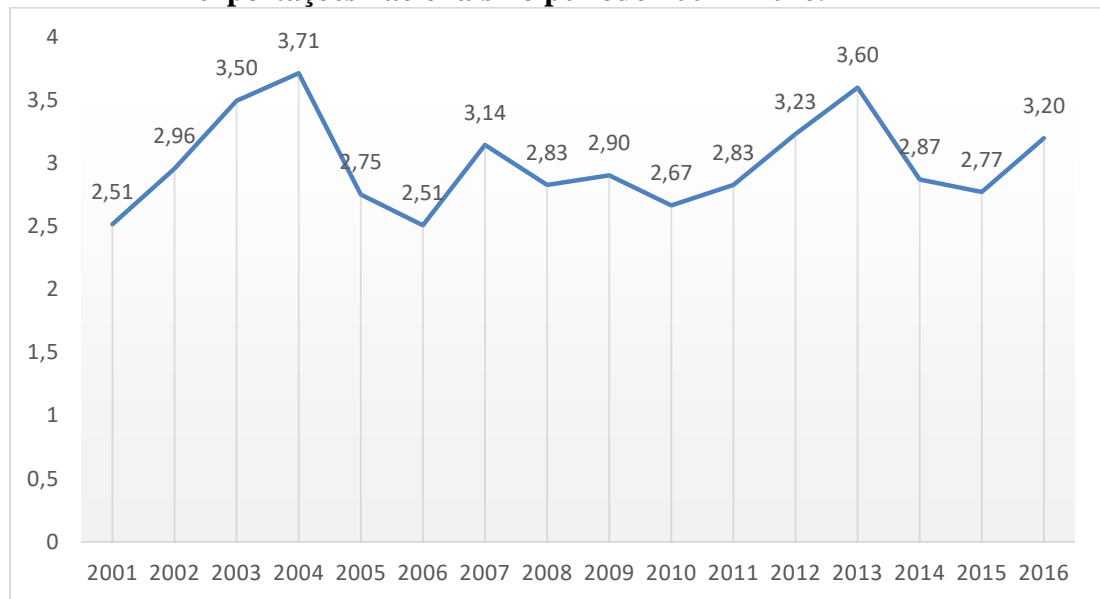
Gráfico 6- Participação das importações da Argentina na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016, em percentual do total exportado.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

Em termos de participação nas exportações totais, a Holanda apresenta um valor mínimo no início do período de 2,5%, o qual aumenta até 2004 finalizando em quase 4%. Após 2004, o percentual cai para 2,5% novamente subindo em 2007 a um pouco mais de 3%, a partir de onde o volta a diminuir até o ano de 2010. Entre 2010 e 2016 ocorre um aumento importante até o ano de 2013 para logo diminuir novamente se mantendo entre 3% e 3,5%. Observando o comportamento da participação da Holanda nas exportações se observa uma tendência estável no seu comportamento com exceção ao ano de 2004.

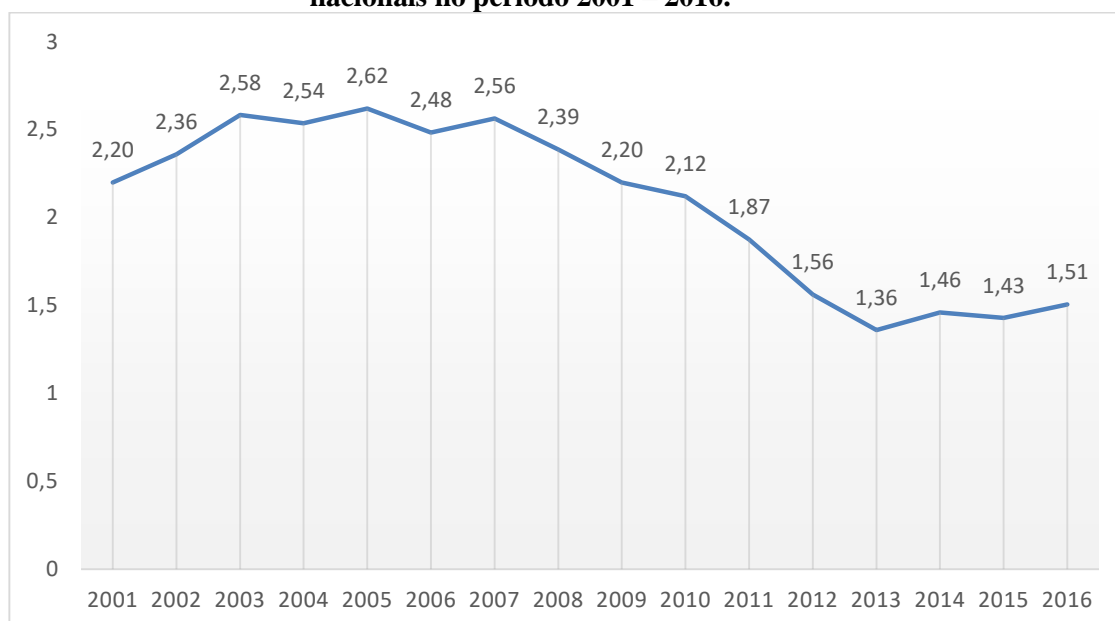
Gráfico 7 - Participação das importações da Holanda na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.



Fonte: Elaboração própria com dados do MDIC

Quando observado o percentual de participação das exportações direcionadas a Alemanha no total exportado pelo país, se observa inicialmente um valor inicial próximo aos 2,5% do total exportado pelo país. Inicialmente ocorre um movimento ascendente até o ano 2003, onde até o ano de 2007 apresenta uma tendência estável, oscilando proximamente ao 2,5%. A partir deste último ano, a participação em relação ao total apresenta um tendência decrescente que permanece até o ano de 2013, indicando um valor de 1,3% das exportações totais do país. Este valor permanece com um comportamento estável até o final do período observado, finalizando em 2016 com um 1,5% de participação.

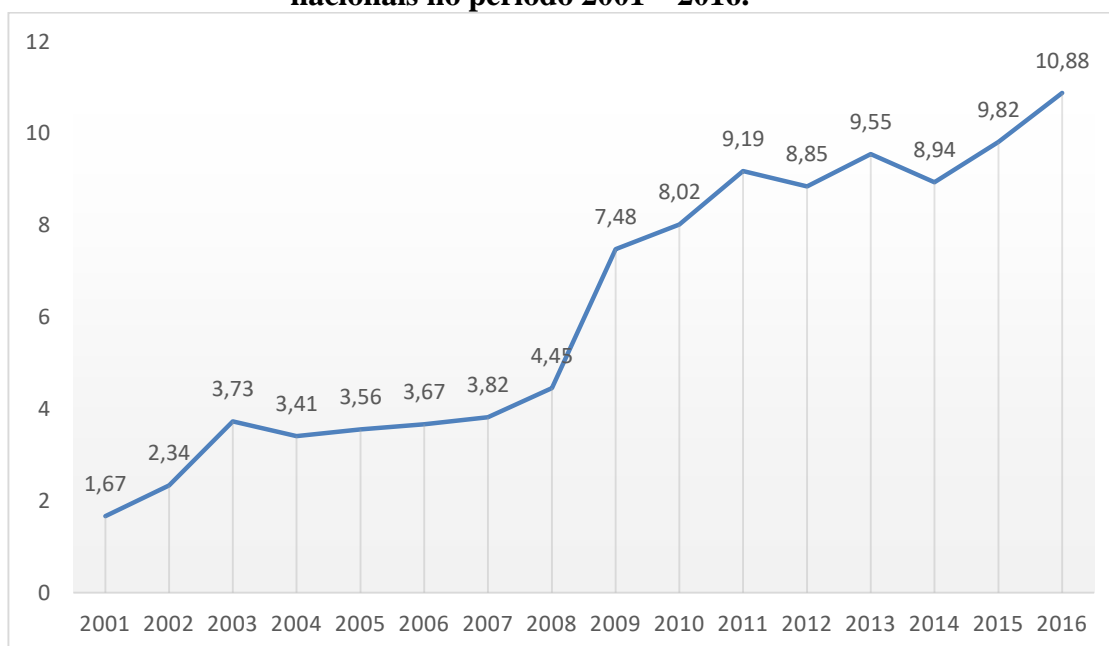
Gráfico 8- Participação das importações da Alemanha na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

Se observada a participação das exportações direcionadas à China, percebe-se uma tendência ascendente partindo do valor inicial no período de 1,6%, até 2003 onde apresenta um valor de 3,7%. A partir deste ano até o ano de 2009 a tendência ascendente continua, apresentando um valor aproximado a 7,5% das exportações totais do país. Seguindo esta tendência, desde 2009 até o final do período estudado, 2016, ocorre um aumento da participação finalizando em quase 11% do total exportado. Apresentando pequenas baixas em 2012 e 2014 sendo estas em 8,85% e 8,94% respectivamente. É interessante observar que diferentemente dos outros parceiros observados, o percentual de participação continua em aumento no ano de 2008, sendo que nos demais países, em 2008 apresentam um declínio considerável.

Gráfico 9- Participação das importações da China na totalidade das exportações nacionais no período 2001 – 2016.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

3.2.2 Principais parceiros por fator agregado.

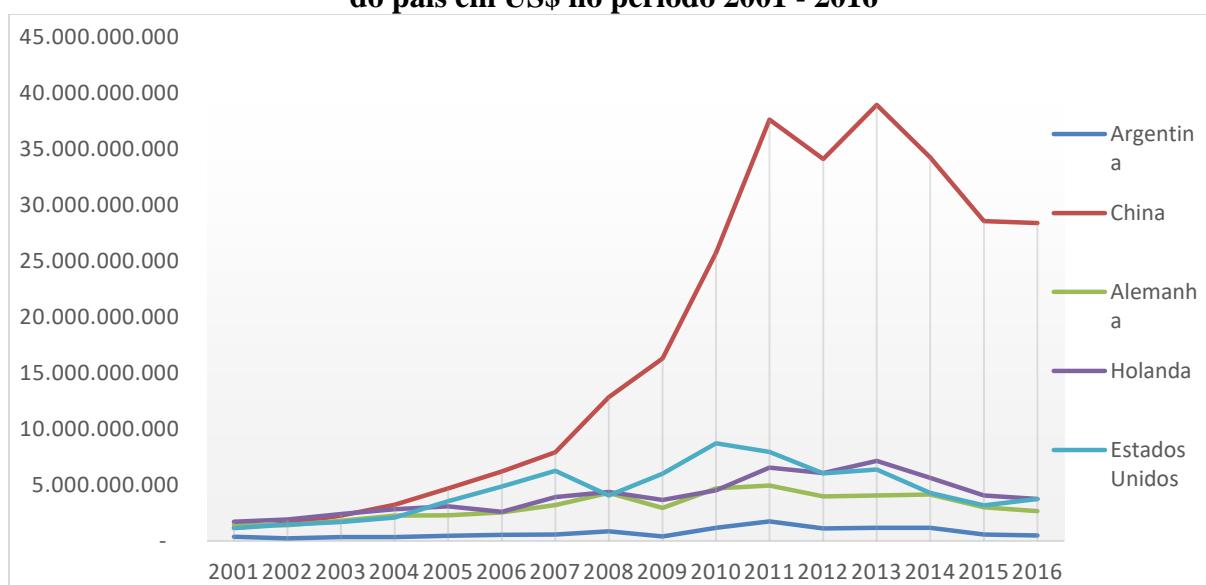
Observando o comportamento dos parceiros em conjunto, observa-se nas exportações de produtos básicos (Gráfico 10), que a China apresenta uma importância consideravelmente superior aos demais parceiros analisados, alcançando um volume aproximado a US\$ 40 bilhões no ano de 2013. A sua tendência de crescimento permanece constante apresentando uma queda unicamente em 2011, onde apresenta um declínio de aproximadamente US\$40 bilhões para US\$ 35 bilhões. No último movimento, entre 2013 e 2016, apresenta um declínio finalizando em aproximadamente US\$ 30 bilhões os quais representam 30.42% do total de produtos básicos exportados pelo Brasil neste ano.

O país que segue a China é os Estados Unidos, o qual apresenta um crescimento até 2007, importando um volume acima de US\$ 5 bilhões, decrescendo em 2008 a um volume abaixo de US\$ 5 bilhões. A partir desse ano, até 2010 há um aumento no volume exportado de produtos básicos para os Estados Unidos alcançando os US\$ 10 bilhões, e finalmente ocorre uma queda até o final do período, finalizando abaixo de US\$ 5 bilhões, representando um 4% do total de produtos básicos exportados em 2016. O próximo parceiro que segue os Estados Unidos é a Holanda, a qual inicia abaixo de US\$ 5 bilhões no início do período e apresenta uma tendência crescente até 2013, apenas superando o volume de US\$ 5 bilhões. Entre 2013 e 2016

ocorre um declínio no volume exportado finalizando em um volume muito próximo do inicial marcando um 4,01% do volume total de básicos exportados no final do período.

No caso da Alemanha se observa uma tendência crescente desde o início do período até o ano de 2008, apresentando um declínio em 2009 e finalizando próximo do seu valor inicial. Neste caso, unicamente em 2009 a Alemanha aproximou-se do volume de US\$ 5 bilhões. Mantendo-se abaixo deste valor durante todo o período. Finalmente, a Argentina apresenta um comportamento estável durante todo o período observado, tendo seu ponto máximo em 2011, não conseguindo se aproximar a Alemanha em termos de importações de produtos básicos.

Gráfico 10– Importações de produtos básicos dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

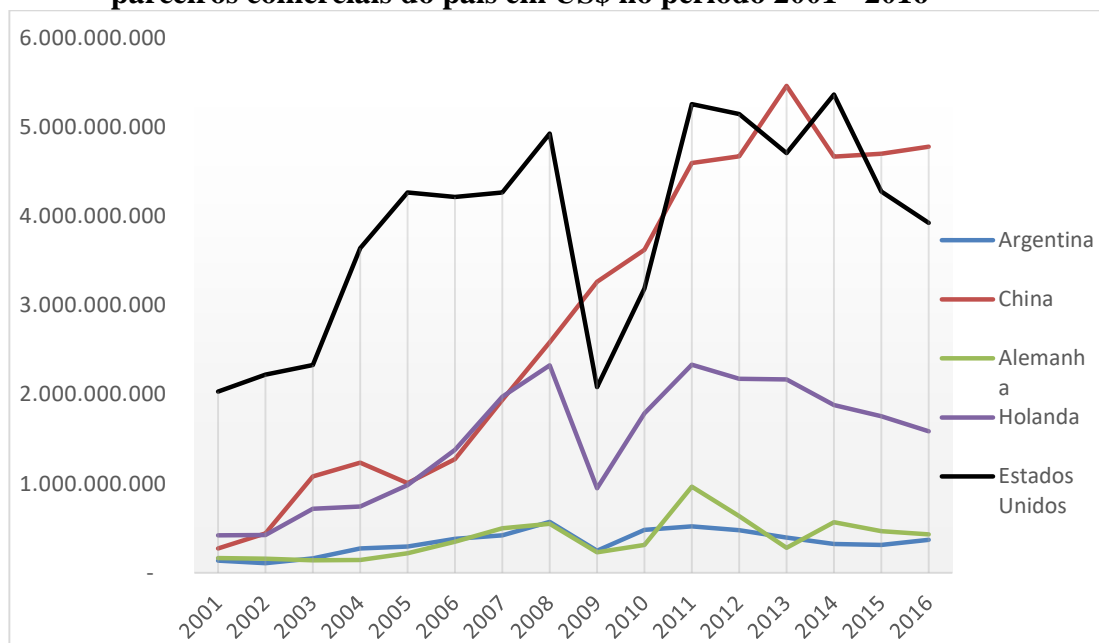
No caso dos produtos semimanufaturados (Gráfico 11), se observa uma liderança por parte dos Estados Unidos, apresentando um crescimento a partir do período inicial até o ano de 2008, alcançando o volume de US\$ 5 bilhões. Em 2008 há uma queda importante destas importações, aproximando-se aos US\$ 2 bilhões no ano de 2009. Entre 2009 e 2012 ocorre um aumento novamente, superando apenas os US\$ 5 bilhões, em 2013 novamente uma pequena queda abaixo do valor anterior, retomando em 2014, o volume de 2012. Finalmente observa-se um declínio no volume importado até o final do período, encerrando este com aproximadamente US\$ 4 bilhões, os quais representam 11,67% do total de produtos semimanufaturados exportados pelo Brasil neste ano.

O próximo país com maior volume importado é a China, a qual apresenta inicialmente um volume menor a US\$ 1 bilhão e apresenta uma tendência crescente até o ano de 2013 superando os US\$ 5 bilhões, e apresentando um declínio a partir desse ano até o final do período estudado, finalizando em um valor próximo a US\$ 5 bilhões representando um 14,21% do total de manufaturados exportados nesse período.

O próximo parceiro a ser observado é a Holanda, a qual apresenta um volume crescente desde o início do período até 2008, sendo este o ponto máximo de seus volumes importados no período. Em 2009 há uma queda no volume de suas importações sendo ela menor a US\$ 1 bilhão, e novamente ocorre um aumento até 2011, onde o volume alcança o mesmo nível que em 2008. A partir deste ano a tendência de suas importações é decrescente, finalizando em 2016 com um volume inferior a US\$ 2 bilhões e apresentando um 4,7% do volume de manufaturados.

Tanto a Alemanha como a Argentina apresentam uma tendência estável, não alcançando US\$1 bilhão no período estudado, com exceção da Alemanha em 2011 onde alcança esse valor para voltar novamente a um valor abaixo de US\$ 1bilhão.

Gráfico 11- Importações de produtos semimanufaturados dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

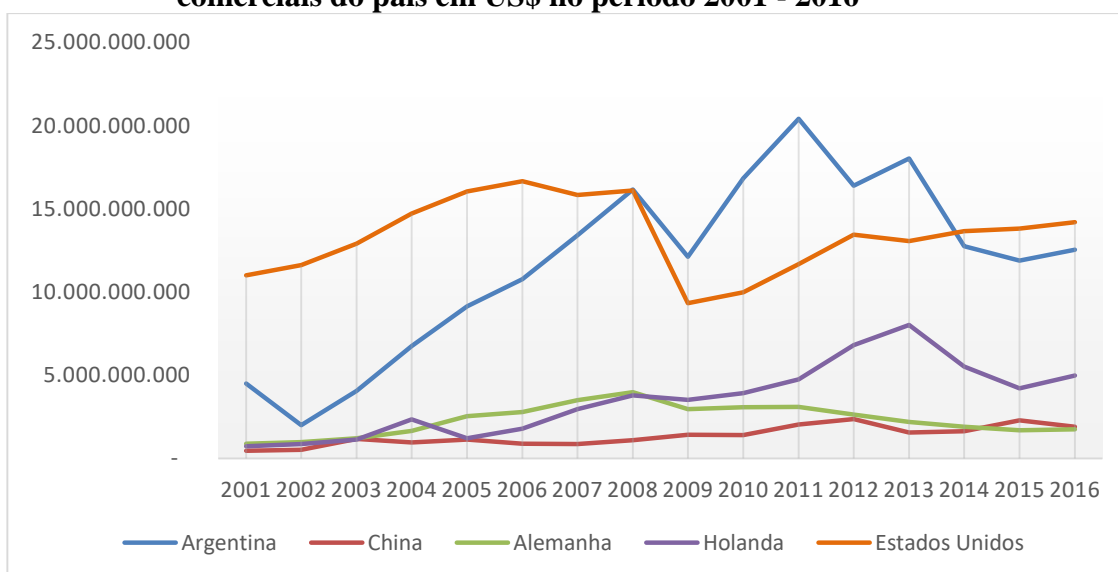
No caso das exportações de manufaturados, percebe-se que os Estados Unidos e a Argentina se encontram acima dos outros países observados, sendo a Argentina o principal importador de manufaturados no final do período. Argentina apresenta um valor inicial abaixo

de US\$ 5 bilhões assim como um decréscimo nas suas importações de manufaturados até 2002, a partir de 2002 apresenta um crescimento até 2008, chegando a um volume superior a US\$ 15 bilhões. A partir de 2008 há um decréscimo até um volume superior a US\$ 10 bilhões, logo um aumento até 2011, apresentando o ponto máximo do período sendo este acima de US\$ 20 bilhões. Finalmente a tendência da Argentina é decrescente até o final do período estudado apresentando um volume inferior a US\$ 15 bilhões, ocupando um 6,54% do total de manufaturados exportados em 2016.

Em segundo lugar se encontra os Estados Unidos, apresentando um volume inicial acima de US\$ 10 bilhões e mantendo uma tendência ascendente até o ano de 2006 superando os US\$ 15 bilhões. Logo, até 2009 seu volume de importações apresenta uma baixa até um valor inferior a US\$ 10 bilhões. Finalmente seu volume de importações aumenta até o final do período estudado, apresentando um valor acima de US\$ 15 bilhões, sendo este acima do valor final da Argentina e um 7,41% do total das exportações de manufaturados.

Tanto a Holanda, como a Alemanha e a China, não apresentam valores significativos em relação aos países analisados. Com exceção da Holanda no período 2012-2014, no qual apresentou um valor acima de US\$5 bilhões, nenhum destes países apresentou um volume de importação acima de este valor na totalidade do período avaliado na pesquisa.

Gráfico 12- Importações de produtos manufaturados dos principais parceiros comerciais do país em US\$ no período 2001 - 2016



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

A próxima seção do capítulo irá observar estes parceiros de forma individual com a finalidade de observar sua importância na tendência de reprimarização com base aos conceitos abordados no capítulo anterior.

3.2.3 Principais parceiros e reprimarização

Quando observadas as exportações à Argentina por fator agregado inicialmente é possível perceber que as exportações no decorrer do período tendem a se manter no nível exportado no ano de 2008. Após essa data apresenta um aumento nas exportações, porém volta a este nível anterior sinalizando uma possível tendência de estabilização de exportações. Em questões de fator agregado, se observa que o principal setor no qual a Argentina é representativa em termos de importador, é o setor manufatureiro. Tendo um nível de participação das exportações totais direcionadas à Argentina acima de 85%, mantendo tanto os produtos básicos como semimanufaturados em uma tendência constante apresentando como máximo um 9,42% nos produtos básicos em 2002 e 4,5% nos semimanufaturados também em 2002. Mantendo o princípio da tendência de reprimarização causada pelo aumento de participação do setor básico nas exportações ou diminuição do setor industrial, pode-se chegar à conclusão que a parceria com a Argentina não representa uma influência neste tópico.

Tabela 3 - Exportações direcionadas à Argentina por fator agregado no período de 2001 – 2016 em US\$.

Ano	TOTAL	BASICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		Industrializados	
	US\$ FOB	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB (A) + (B)	% total
2001	5.009.810.224	365.942.212	7,30	135.269.563	2,70	4.492.370.489	89,67	4.627.640.052	92,37
2002	2.346.508.274	221.104.415	9,42	107.458.994	4,58	2.004.318.533	85,42	2.111.777.527	90,00
2003	4.569.767.654	329.466.636	7,21	160.652.366	3,52	4.063.138.269	88,91	4.223.790.635	92,43
2004	7.390.967.394	341.003.908	4,61	274.639.929	3,72	6.748.266.550	91,30	7.022.906.479	95,02
2005	9.930.152.936	461.756.499	4,65	294.067.845	2,96	9.138.781.471	92,03	9.432.849.316	94,99
2006	11.739.591.939	539.885.227	4,60	378.970.007	3,23	10.779.570.895	91,82	11.158.540.902	95,05
2007	14.416.945.588	557.380.385	3,87	420.280.140	2,92	13.409.203.000	93,01	13.829.483.140	95,93
2008	17.605.620.920	858.872.683	4,88	570.702.812	3,24	16.158.987.724	91,78	16.729.690.536	95,02
2009	12.784.966.502	397.853.787	3,11	246.834.106	1,93	12.117.149.733	94,78	12.363.983.839	96,71
2010	18.522.520.610	1.170.937.174	6,32	481.270.361	2,60	16.836.128.100	90,90	17.317.398.461	93,49
2011	22.709.344.431	1.735.003.032	7,64	520.848.494	2,29	20.411.212.711	89,88	20.932.061.205	92,17
2012	17.997.706.375	1.106.882.083	6,15	476.495.615	2,65	16.385.395.906	91,04	16.861.891.521	93,69
2013	19.615.414.342	1.168.263.036	5,96	393.972.246	2,01	18.022.764.806	91,88	18.416.737.052	93,89
2014	14.281.998.035	1.175.331.230	8,23	323.493.087	2,27	12.752.183.476	89,29	13.075.676.563	91,55
2015	12.800.015.447	576.406.520	4,50	312.503.247	2,44	11.888.832.756	92,88	12.201.336.003	95,32
2016	13.417.669.917	477.321.008	3,56	369.569.432	2,75	12.544.399.383	93,49	12.913.968.815	96,25

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

O comportamento das importações dos Estados Unidos apresenta uma tendência similar às da Argentina. Onde há uma importante proporção das suas importações destinadas ao setor manufatureiro. Porém, no caso específico dos EUA, e no período estudado, é importante observar que as proporções de produtos básicos e manufaturados importados por ele sinalizam uma relação inversa. Isto se percebe com maior facilidade no período pós-crise de 2008, onde se bem as importações de manufaturados dos Estados Unidos continuam tendo o maior nível de participação, ditas importações diminuíram nesse período ao mesmo tempo que aumentaram suas importações de produtos básicos.

Em termos de análise sobre a reprimarização da pauta exportadora, continuando com o conceito prévio, poderia se dizer que os Estados Unidos não apresentam uma influência relevante neste fenômeno. Em primeiro lugar pela natureza de suas importações do Brasil, voltadas a produtos manufaturados. Em segundo lugar, mesmo em um período de recessão onde ocorreu um aumento de suas importações de produtos básicos, ainda assim não superou o nível de importações de manufaturados.

Tabela 4 - Exportações direcionadas aos Estados Unidos por fator agregado no período 2001- 2016 em US\$.

Ano	TOTAL	BASICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		Industrializados	
	US\$ FOB	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB (A) + (B)	% total
2001	14.208.572.954	1.140.110.623	8,02	2.032.484.218	14,30	11.001.113.618	77,43	13.033.597.836	91,73
2002	15.377.822.589	1.441.512.741	9,37	2.221.408.527	14,45	11.610.177.325	75,50	13.831.585.852	89,95
2003	16.728.079.047	1.671.374.797	9,99	2.328.199.416	13,92	12.909.383.814	77,17	15.237.583.230	91,09
2004	20.099.235.400	2.082.135.698	10,36	3.640.633.848	18,11	14.723.533.099	73,25	18.364.166.947	91,37
2005	22.539.731.875	3.535.590.402	15,69	4.264.344.488	18,92	16.050.656.238	71,21	20.315.000.726	90,13
2006	24.524.748.523	4.868.835.315	19,85	4.212.135.982	17,18	16.655.691.142	67,91	20.867.827.124	85,09
2007	25.065.048.412	6.261.220.993	24,98	4.265.281.033	17,02	15.828.875.587	63,15	20.094.156.620	80,17
2008	27.423.048.799	4.067.581.880	14,83	4.923.781.490	17,95	16.109.229.146	58,74	21.033.010.636	76,70
2009	15.601.628.031	5.995.445.381	38,43	2.082.352.266	13,35	9.328.503.137	59,79	11.410.855.403	73,14
2010	19.307.295.562	8.723.836.184	45,18	3.185.905.857	16,50	9.973.332.066	51,66	13.159.237.923	68,16
2011	25.804.628.156	7.951.838.014	30,82	5.256.319.767	20,37	11.685.190.440	45,28	16.941.510.207	65,65
2012	26.700.854.915	6.018.072.329	22,54	5.142.571.943	19,26	13.440.792.616	50,34	18.583.364.559	69,60
2013	24.653.476.362	6.370.288.076	25,84	4.705.115.789	19,08	13.064.955.852	52,99	17.770.071.641	72,08
2014	27.027.771.514	4.286.384.814	15,86	5.360.994.416	19,84	13.666.928.690	50,57	19.027.923.106	70,40
2015	24.079.945.544	3.174.992.551	13,19	4.275.630.610	17,76	13.803.157.273	57,32	18.078.787.883	75,08
2016	23.156.301.916	3.747.460.224	16,18	3.923.185.484	16,94	14.202.449.942	61,33	18.125.635.426	78,28

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

Já no caso da Alemanha, os percentuais de importações apresentam uma tendência diferente. No que se refere a produtos básicos e manufaturados, ambos apresentam um comportamento constante no decorrer do período. Os produtos básicos porém, denotam percentuais maiores em relação aos outros produtos. Especificamente nos anos 2013-2014, estes percentuais superaram os 60% do total exportado para a Alemanha.

A tendência das importações holandesas são similares às da Alemanha no sentido dos comportamentos constantes nos produtos primários e manufaturados. Ambos países mantêm um percentual maior de produtos básicos importados e apresentam uma relação inversa entre básicos e manufaturados. A diferença entre eles está presente na tendência das importações de produtos básicos no decorrer do período. A Alemanha mostra um comportamento estável nos movimentos das importações destes produtos, enquanto a Holanda mantém um decréscimo nas importações de básicos. Em termos de tendências a uma reprimarização, observando as exportações para estes dois países, percebe-se que a Holanda não apresentaria uma influência importante neste âmbito, já que o comportamento de suas importações de produtos básicos mostra um decréscimo no período observado. No caso da Alemanha, considerando os valores apresentados nos produtos básicos, poderia ser significativa sua participação no processo de reprimarização, já que em média as suas importações estão acima de 50%.

Tabela 5 - Exportações com destino à Holanda por fator agregado em US\$ no período 2001-2016.

Ano	TOTAL	BASICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		Industrializados	
	US\$ FOB	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB (A) + (B)	% total
2001	2.863.612.012	1.706.468.679	59,59	419.126.997	14,64	732.262.671	25,57	1.151.389.668	40,21
2002	3.183.411.100	1.896.093.429	59,56	425.343.916	13,36	859.122.858	26,99	1.284.466.774	40,35
2003	4.247.611.555	2.387.302.263	56,20	717.713.954	16,90	1.127.619.726	26,55	1.845.333.680	43,44
2004	5.919.280.546	2.832.591.729	47,85	741.723.167	12,53	2.336.074.208	39,47	3.077.797.375	52,00
2005	5.285.515.436	3.091.349.745	58,49	982.664.396	18,59	1.210.841.712	22,91	2.193.506.108	41,50
2006	5.748.569.555	2.590.224.697	45,06	1.379.869.864	24,00	1.777.062.124	30,91	3.156.931.988	54,92
2007	8.840.872.497	3.908.924.178	44,21	1.974.866.531	22,34	2.955.327.852	33,43	4.930.194.383	55,77
2008	10.482.595.244	4.373.309.873	41,72	2.325.091.980	22,18	3.782.184.351	36,08	6.107.276.331	58,26
2009	8.150.135.304	3.652.117.727	44,81	947.840.790	11,63	3.525.747.157	43,26	4.473.587.947	54,89
2010	10.227.723.216	4.520.726.207	44,20	1.787.590.594	17,48	3.917.997.824	38,31	5.705.588.418	55,79
2011	13.639.692.908	6.552.701.155	48,04	2.333.065.577	17,10	4.752.186.314	34,84	7.085.251.891	51,95
2012	15.040.703.654	6.049.805.110	40,22	2.174.787.061	14,46	6.808.130.762	45,26	8.982.917.823	59,72
2013	17.332.830.884	7.138.218.097	41,18	2.168.311.334	12,51	8.015.374.749	46,24	10.183.686.083	58,75
2014	13.035.583.965	5.625.395.566	43,15	1.880.270.720	14,42	5.526.610.570	42,40	7.406.881.290	56,82
2015	10.044.465.679	4.069.519.561	40,52	1.755.216.464	17,47	4.217.376.891	41,99	5.972.593.355	59,46
2016	10.322.799.594	3.747.460.224	36,30	1.586.532.943	15,37	4.975.579.669	48,20	6.562.112.612	63,57

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

Tabela 6 - Exportações com destino à Alemanha por fator agregado em US\$ no período 2001-2016

Ano	TOTAL	BASICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		Industrializados	
	US\$ FOB	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB (A) + (B)	% total
2001	2.504.137.241	1.439.967.862	57,50	165.657.913	6,62	889.002.237	35,50	1.054.660.150	42,12
2002	2.539.954.653	1.402.850.969	55,23	158.279.370	6,23	972.847.198	38,30	1.131.126.568	44,53
2003	3.140.328.628	1.789.890.643	57,00	138.447.743	4,41	1.206.025.662	38,40	1.344.473.405	42,81
2004	4.046.538.703	2.238.315.135	55,31	144.565.905	3,57	1.654.908.701	40,90	1.799.474.606	44,47
2005	5.032.337.124	2.270.205.172	45,11	220.318.045	4,38	2.529.876.050	50,27	2.750.194.095	54,65
2006	5.691.017.971	2.538.189.166	44,60	347.771.107	6,11	2.789.985.030	49,02	3.137.756.137	55,14
2007	7.211.394.178	3.195.831.273	44,32	498.416.152	6,91	3.501.434.283	48,55	3.999.850.435	55,47
2008	8.850.809.527	4.290.973.180	48,48	548.472.540	6,20	3.988.124.128	45,06	4.536.596.668	51,26
2009	6.174.959.596	2.941.721.698	47,64	228.632.839	3,70	2.965.922.696	48,03	3.194.555.535	51,73
2010	8.138.465.358	4.688.186.326	57,61	313.841.995	3,86	3.075.696.444	37,79	3.389.538.439	41,65
2011	9.039.092.630	4.950.949.612	54,77	964.953.879	10,68	3.092.341.887	34,21	4.057.295.766	44,89
2012	7.277.061.407	3.972.120.465	54,58	636.978.622	8,75	2.638.707.433	36,26	3.275.686.055	45,01
2013	6.551.654.000	4.058.862.908	61,95	281.565.516	4,30	2.185.199.981	33,35	2.466.765.497	37,65
2014	6.632.731.467	4.152.354.682	62,60	567.462.015	8,56	1.900.679.024	28,66	2.468.141.039	37,21
2015	5.178.904.951	2.993.046.438	57,79	466.913.072	9,02	1.698.872.076	32,80	2.165.785.148	41,82
2016	4.860.822.264	2.666.798.440	54,86	431.708.529	8,88	1.752.267.653	36,05	2.183.976.182	44,93

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC.

O próximo país a ser observado dentro dos principais parceiros comerciais do Brasil é a China. As importações da China apresentam um comportamento distinto dos países anteriores. Se bem é possível observar uma tendência similar às importações da Alemanha, os percentuais são drasticamente diferentes. Inicialmente percebe-se que as exportações totais apresentam uma diferença consideravelmente maior aos outros países, sendo mais próximo unicamente dos Estados Unidos com uma diferença de quase 12 bilhões de dólares. Isso confirma a afirmativa do Observatório de Complexidade Econômica onde é apresentado que a China é o principal parceiro comercial do Brasil sendo o maior importador entre os 5 primeiros países.

Analisando as importações chinesas por nível de agregação se observa que os produtos manufaturados apresentam uma tendência decrescente até o ano de 2012, a partir do qual, apresenta movimentações contornando os 5%. Os produtos semimanufaturados apresentam variações mais frequentes, tendo seu percentual máximo no ano de 2003 com 23,81% e seu valor mínimo em 2011 com 10,36%. Em termos de tendência respeito aos semimanufaturados o que seria possível observar é uma tendência descendente até o ano de 2010, onde os valores flutuam em torno a um 11% de participação. Com respeito aos produtos básicos, percebe-se que a China apresenta valores consideravelmente superiores aos outros países observados. De suas importações totais do Brasil, o percentual mínimo destinado a produtos básicos no período foi no ano de 2003 com 50% da importação total. A tendência geral do período estudado é claramente ascendente, apresentando uma queda a partir de 2015. O ponto máximo de importações de produtos básicos está presente no ano de 2011, com um 84,98% na sua participação das importações.

Aplicando a análise de reprimarização observada nos países anteriores, pode-se dizer que a China poderia ser um potencial contribuinte para um processo de reprimarização na pauta exportadora. Em primeiro lugar, pela sua tendência ascendente na importação de produtos primários do país. Reforçando esta ideia, além de apresentar uma tendência ascendente, o percentual de produtos primários é consideravelmente alta em relação aos produtos semimanufaturados e manufaturados. Em segundo lugar, em termos de exportação total, o fato da China se encontrar na primeira posição entre os primeiros cinco maiores importadores do Brasil, reforça um aumento da significância destes percentuais em relação aos percentuais dos demais países observados.

Tabela 7 - Exportações com destino à China por fator agregado em US\$ no período 2001-2016.

Ano	TOTAL	BASICOS		SEMIMANUFATURADOS		MANUFATURADOS		Industrializados	
	US\$ FOB	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB	% total	US\$ FOB (A) + (B)	% total
2001	1.902.122.203	1.154.984.154	60,72	274.335.537	14,42	464.028.542	24,40	738.364.079	38,82
2002	2.520.978.671	1.550.628.243	61,51	442.419.874	17,55	520.136.318	20,63	962.556.192	38,18
2003	4.533.363.162	2.266.346.265	49,99	1.079.703.304	23,82	1.174.677.254	25,91	2.254.380.558	49,73
2004	5.441.405.712	3.231.762.245	59,39	1.234.104.538	22,68	966.165.546	17,76	2.200.270.084	40,44
2005	6.834.996.980	4.673.891.426	68,38	1.004.870.767	14,70	1.140.455.326	16,69	2.145.326.093	31,39
2006	8.402.368.827	6.213.222.707	73,95	1.275.409.848	15,18	879.401.653	10,47	2.154.811.501	25,65
2007	10.748.813.792	7.927.295.420	73,75	1.937.018.282	18,02	867.023.992	8,07	2.804.042.274	26,09
2008	16.522.652.160	12.830.029.631	77,65	2.586.108.542	15,65	1.094.981.406	6,63	3.681.089.948	22,28
2009	21.003.886.286	16.310.729.663	77,66	3.262.093.682	15,53	1.422.159.602	6,77	4.684.253.284	22,30
2010	30.785.906.442	25.755.497.382	83,66	3.622.162.457	11,77	1.394.598.328	4,53	5.016.760.785	16,30
2011	44.314.595.336	37.661.364.579	84,99	4.594.429.186	10,37	2.031.453.442	4,58	6.625.882.628	14,95
2012	41.227.540.253	34.147.262.539	82,83	4.671.421.501	11,33	2.373.217.008	5,76	7.044.638.509	17,09
2013	46.026.153.046	38.973.235.177	84,68	5.458.253.193	11,86	1.559.068.576	3,39	7.017.321.769	15,25
2014	40.616.107.929	34.291.878.256	84,43	4.667.785.490	11,49	1.625.324.443	4,00	6.293.109.933	15,49
2015	35.607.523.612	28.589.854.999	80,29	4.699.433.156	13,20	2.290.370.433	6,43	6.989.803.589	19,63
2016	35.133.589.864	28.427.951.253	80,91	4.777.733.627	13,60	1.908.360.774	5,43	6.686.094.401	19,03

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do MDIC

Nesta seção foi possível observar os principais parceiros do Brasil de uma perspectiva individual, o nível de suas exportações por nível de agregação, assim como suas influências no processo de reprimarização segundo os conceitos abordados anteriormente. Neste panorama observou-se em relação ao volume exportado que o Brasil apresenta um nível superior de exportações de produtos básicos, sendo estes majoritariamente dirigidos a China. Considerando o objetivo da pesquisa, assim como as definições e metodologias discutidas no capítulo anterior, a próxima seção irá tratar sobre os principais produtos básicos exportados pelo Brasil para a China, com a finalidade de observar sua influência na pauta exportadora brasileira.

3.3 Principais produtos da pauta e a influência chinesa

Como observado na seção anterior, as exportações à China inicialmente possui um comportamento similar às exportações totais do Brasil mantendo a mesma tendência no recorrer do período. A diferença entre os comportamentos apresentados nos gráficos encontra-se no período da crise mundial, onde mesmo que o valor das exportações totais tenham-se reduzido, as exportações direcionadas à China continuaram aumentando. Isto poderia ser um indicativo da importância da China como parceiro comercial no período de crise econômica.

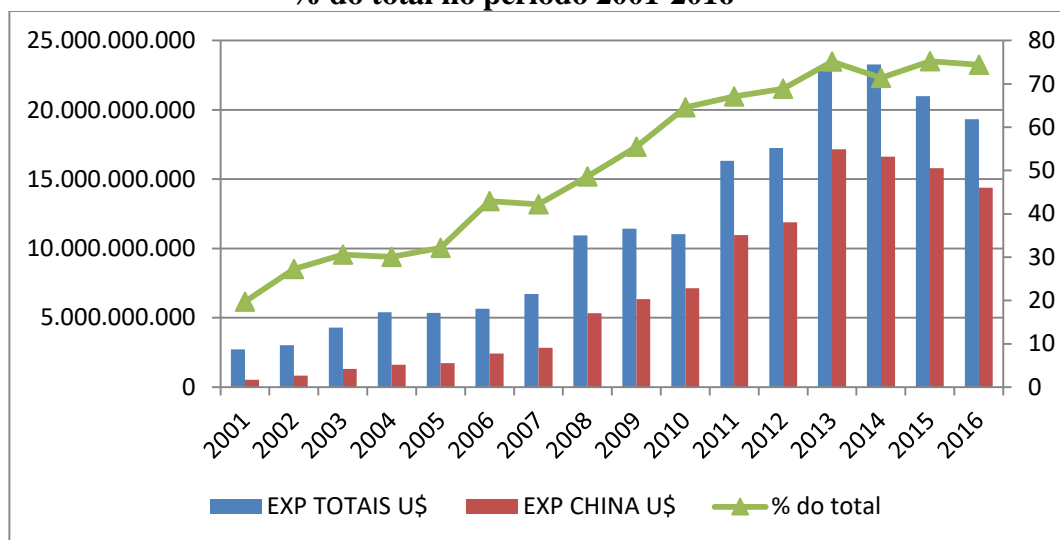
Como mencionado no início do capítulo, os principais produtos exportados do Brasil são produtos pertencentes ao setor de *commodities*, sendo estes a soja, minérios, derivados de petróleo, e diversos tipos de carnes. Após a identificação dos bens representativos da pauta, esta seção específica será direcionada a observar o comportamento das exportações destes bens no período definido na pesquisa, tanto na sua totalidade, como nos seus direcionamentos à China. O propósito deste exercício é contemplar se as evoluções das exportações destes bens de maior representatividade estão ligadas em parte a aumentos destinados à China. Inicialmente serão observadas as exportações de soja, no período 2001-2016, a seguir as exportações dos minérios, dos derivados de petróleo e a diversidade de carnes.

3.3.1 Exportação de Soja

Observando as exportações totais de soja do Brasil percebe-se uma tendência ascendente desde o período inicial, o qual apresenta um volume abaixo de US\$ 5 bilhões, até o ano de 2008

superando os US\$10 bilhões. Em 2008 ocorre uma pequena queda alcançando os US\$10 bilhões em 2010. Logo, a tendência das exportações de soja apresentam um aumento até 2014 aproximando-se aos US\$ 25 bilhões, finalizando com um decréscimo até o final do período ficando abaixo de US\$ 20 bilhões.

Gráfico 13– Exportações totais de Soja e volume destinado à China em US\$ e em % do total no período 2001-2016



Fonte – Elaborado pelo autor com dados do Trade Map.

Observando as exportações de soja dirigidas à China é possível observar que as exportações apresentam uma tendência ascendente até 2013, iniciando abaixo de US\$ 2 bilhões e finalizando em um valor próximo a US\$ 18 bilhões respectivamente. Finalmente ocorre uma queda até o final do período alcançando um valor próximo a US\$ 14 bilhões, representando um 74,41% do total exportado de soja em 2016.

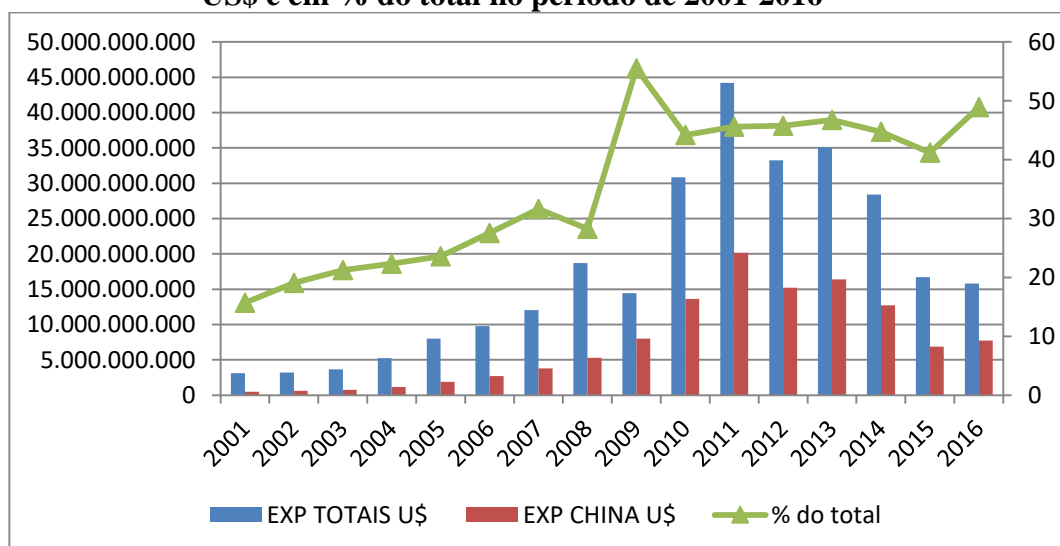
Analisando os dados de forma conjunta verifica-se que em termos de exportação de soja o Brasil apresenta um movimento crescente tanto nas suas exportações de soja totais como para a China. A diferença que se encontra está no ano pós-crise, já que se bem o valor das exportações totais de soja apresentaram um declínio, os valores das exportações à China continuam mantendo uma tendência de crescimento. Isto pode relacionar-se à importância da China como parceiro, já que se for levado em consideração que a soja apresenta o maior percentual de participação nas exportações do país, manter uma tendência de aumento dos volumes exportados em um período de recessão poderia apresentar um meio de recuperação dos efeitos negativos ocasionados pela crise. Finalmente tanto as exportações totais de soja

como as direcionadas a China acabam em um leve declínio, o qual parece acompanhar o declínio das exportações totais do Brasil, assim como as exportações totais direcionadas a China. A seguir serão observadas pelo mesmo procedimento, as exportações dos minérios.

3.3.2 Exportação de Minérios

Os minérios como mencionado, é o segundo produto de maior representatividade na pauta de exportações do Brasil. Entre eles se encontram os minérios de ferro, alumínio, zinco e estanho segundo dados do IBGE e Trade Map.

Gráfico 14– Exportações totais de Minérios e volume direcionado à China em US\$ e em % do total no período de 2001-2016



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Trade Map.

As exportações de minérios tiveram um crescimento até o ano de 2008, apresentando um valor inicial abaixo de US\$ 5 bilhões e finalizando em US\$ 20 bilhões em 2008, onde apresenta um declínio até 2009 apresentando um valor abaixo de US\$ 15 bilhões. A partir de 2009 ocorre uma importante recuperação alcançando os US\$ 45 bilhões em 2010. Finalmente a partir de 2011 o volume das exportações diminui de forma considerável, até o final do período, alcançando um nível abaixo de US\$ 15 bilhões semelhante a 2009. Quando comparado com as exportações de minérios destinados para a China, podemos observar que existe um comportamento similar nas exportações, o início do período apresenta um valor abaixo de US\$

5 bilhões e permanece em uma tendência crescente até 2011, superando os US\$ 20 bilhões. A diferença desta tendência com a exportações totais de minérios se encontra unicamente no período pós-crise, onde as exportações à China se mantem em crescimento constante, marcando novamente a importância de sua parceria comercial, tendo em consideração o nível de representatividade dos minérios na pauta. Finalmente a partir de 2011, o volume exportado de minérios para a China apresenta uma queda importante até o final do período, finalizando em um valor abaixo de US\$ 10 bilhões, o qual representa um 48,94% do total de minérios exportados pelo país.

É interessante observar que o comportamento das exportações de minérios apresenta uma grande similaridade em termos de tendência quando comparado ao comportamento das exportações de soja. Ambos os níveis de exportação apresentam, se bem distintos de forma individual, o mesmo comportamento no que se refere a tendências comportamentais no período quando se comparam entre si as exportações totais do Brasil, e as exportações dirigidas à China. Em ambos os casos, ocorrem declínios nas exportações totais nos anos pós-crise, mantendo as exportações para a China em constante crescimento, sendo este interrompido no mesmo período tanto nas exportações totais como nas exportações à China. Considerando a soja e os minérios como os bens com maior representatividade da pauta exportadora brasileira, somando entre ambos um 18.57% de sua totalidade, esta similitude de tendências podem ser indicativos da importância da China no comércio internacional brasileiro.

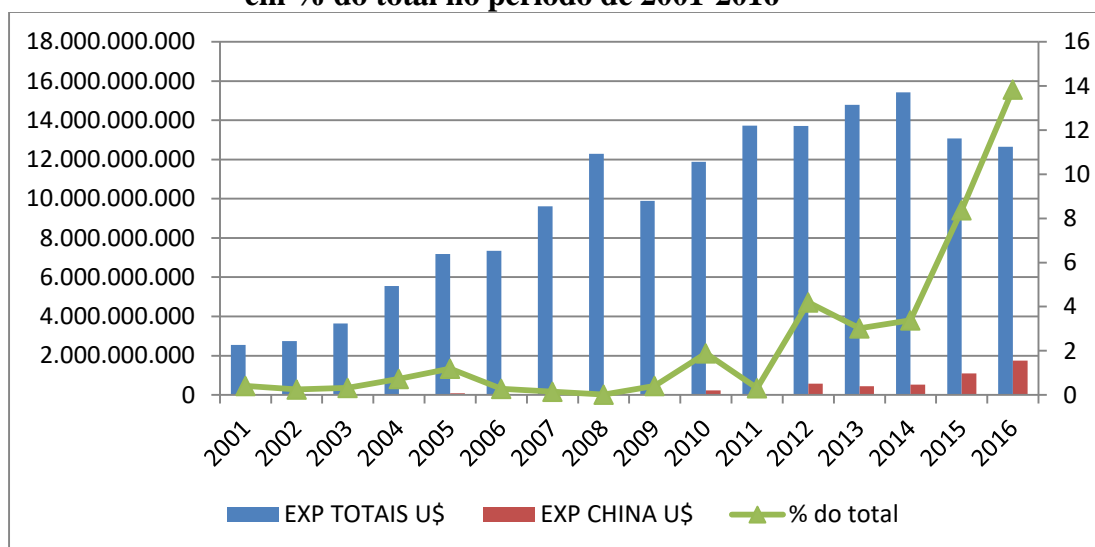
3.3.3 Exportação de carnes

Após ter abordado os dois principais produtos da pauta exportadora se observará também os próximos produtos representativos da pauta, como carnes, e derivados do petróleo. Observando as exportações totais de carnes percebe-se um movimento ascendente a partir do período inicial com um valor abaixo de US\$4 bilhões, até 2008 alcançando os US\$12 bilhões. Logo há uma queda no volume exportado alcançando os US\$10 bilhões em 2009 e novamente é apresentado um aumento até 2014 superando os US\$ 14 bilhões. Finalmente ocorre um declínio até o final do período estudado o qual alcança os US\$ 12 novamente.

Quando observadas as exportações destinadas à China, percebe-se um comportamento estável, o qual se mantém com um volume abaixo de US\$ 200 milhões, até 2010 onde apresenta um aumento para aproximadamente US\$ 300 milhões, Em 2011 há uma queda para os valores iniciais, e novamente ocorre um aumento nos volumes exportados finalizando no período com

um valor aproximado a US\$ 1.8 bilhões, representando um 13,84% do total das exportações de carnes do Brasil. No caso do período pós-crise, no que se refere ao mercado de carnes, observa-se que a China não apresenta uma influência importante, já que o volume de suas importações não apresentam uma quantidade relevante em relação ao total, como os demais produtos observados. Observando conjuntamente as tendências é possível perceber que a China não apresenta uma influência importante no mercado internacional de Carnes do Brasil. Isto poderia ser diferente em um período futuro ao estudado, considerando a tendência ascendente predominante em 2016.

Gráfico 15– Exportações totais de Carnes e volume destinado à China em US\$ e em % do total no período de 2001-2016



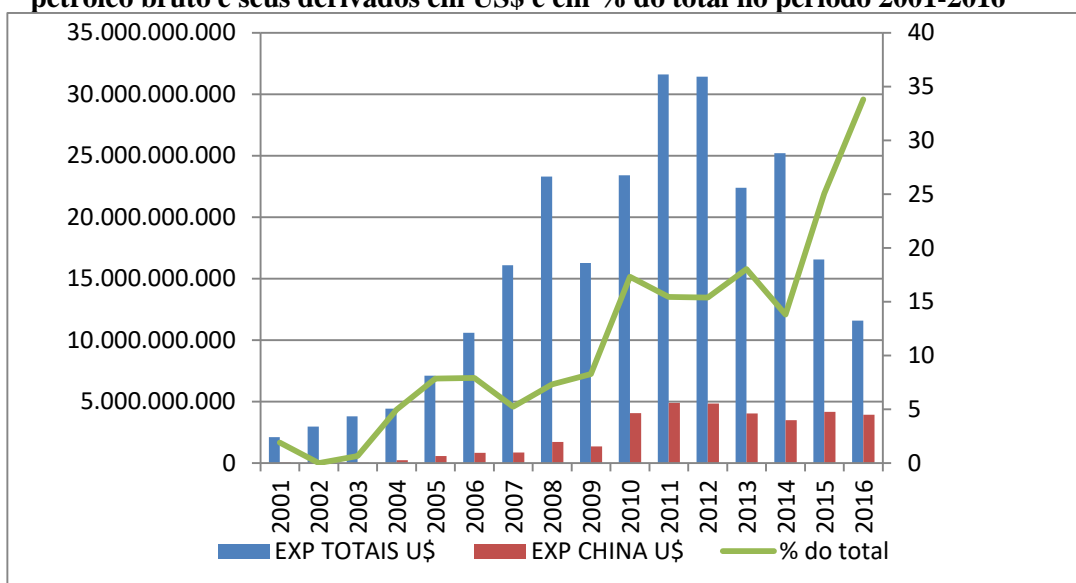
Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Trade Map.

3.3.4 Exportação de petróleo e derivados

Na exportação de combustíveis minerais, petróleo bruto e seus derivados, se observa uma tendência ascendente até 2008, iniciando com um valor aproximado a US\$ 3 bilhões, e

finalizando em um valor próximo de US\$ 25 bilhões em 2008 respectivamente. Logo até 2009 há uma queda a qual apresenta um valor superior a US\$ 15 bilhões, para novamente apresentar um aumento no volume exportado até o ano de 2011, onde supera os US\$ 30 bilhões. A partir desse ano ocorre uma tendência decrescente a qual permanece até o final do período finalizando com um valor abaixo de US\$ 15 bilhões no final do período.

Gráfico 16– Exportação total e volume direcionado à China de combustíveis minerais, petróleo bruto e seus derivados em US\$ e em % do total no período 2001-2016



Fonte: Elaboração própria com dados do Trade Map.

No caso de suas exportações para a China se observa uma tendência crescente partindo de um valor inferior a US\$ 1 bilhão no início do período até 2008, onde se aproxima a US\$ 2 bilhões. Diferentemente dos demais produtos apresentados, as exportações de combustíveis minerais, petróleo bruto e derivados direcionados à China apresentam um declínio no período pós-crise, a partir do qual pode-se concluir que a China não representaria um possível meio de recuperação no momento de recessão no que se refere a exportações de derivados de petróleo bruto. A partir do ano de 2009 é possível observar um aumento considerável o qual permanece até 2012 onde apresenta um volume de US\$ 5 bilhões, logo, até o final do período observado há uma tendência a uma diminuição do volume exportado, finalizando em um valor de US\$ 4 bilhões equivalente a 33,8% do total exportado pelo país.

Quando observadas as exportações dos principais produtos exportados do país, é possível contemplar uma tendência similar entre todas elas. Se bem de forma individual cada

uma apresenta momentos de aumentos ou declínios, todas apresentam inicialmente um período de crescimento constante. Mesmo quando se apresenta uma tendência a uma redução, o valor de exportação no final do período se encontra acima do valor inicial. É interessante destacar que os produtos contemplados foram produtos de alto nível de representatividade na pauta exportadora brasileira sendo estes do setor primário.

Neste capítulo observou-se inicialmente que os principais produtos exportados pelo Brasil estão dentro da classificação dos produtos básicos, sendo estes a soja, minérios, carnes e derivados de petróleo bruto. Também foram observados os principais parceiros comerciais, os quais são a China, Estados Unidos, Argentina Alemanha e Holanda. Percebeu-se que há um aumento do volume exportado no período estudado, conjuntamente com um aumento nos produtos primários dentro da pauta exportadora. Dentro dos parceiros comerciais contemplou-se suas participações no total das exportações tanto nos volumes totais importados por estes, como segundo o nível de agregação de suas importações. Dentro dos níveis de agregação, foram separados os bens nas categorias de bens básicos, semimanufaturados e manufaturados. Nesta análise, percebeu-se que a China aparece como parceiro emergente apresentando uma tendência ascendente nas suas importações do Brasil distanciando-se dos Estados Unidos que passou a ocupar o segundo lugar dentro dos parceiros com maior volume de importações. Dentro de esta ascensão da China, observou-se também que quase um 81% de suas importações formam parte do produtos primários. Os parceiros que lhe seguem são os Estados Unidos e a Argentina, os quais apresentam uma maior participação nos produtos manufaturados. E Finalmente a Holanda e Alemanha, os quais apresentam importações mais diversificadas em termos de nível de agregação. Logo, com base na influência chinesa, observou-se as exportações totais dos principais produtos assim como as exportações dirigidas a China. Os resultados apresentaram que a China ocupa um volume maior a 70% do total de exportações de soja e aproximadamente um 50% do total de exportações de minérios, sendo estes os produtos de maior representatividade na pauta, assim como um alto percentual na sua importação de derivados de petróleo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como propósito observar se há de fato a existência de uma tendência de reprimarização na pauta exportadora brasileira, tendo como delimitação o período de 2001 a 2016, e se esta tendência ocorre como consequência de um aumento na demanda externa da China. Também procura-se observar se a crise de 2008 afetou essa tendência considerando sua influência no volume de exportações do país.

Observou-se que a dinâmica das exportações brasileiras apresenta uma tendência de aumento do volume total exportado no período analisado. Dentro destas exportações foram definidas três principais categorias para classificar os bens, caracterizadas pelo seu nível de agregação, sendo elas definidas como bens básicos, semimanufaturados e manufaturados. Observou-se um aumento na participação de bens básicos na pauta exportadora, assim como uma redução da participação de manufaturados, e mantendo-se estável o volume de produtos semimanufaturados. Em 2008 com a ocorrência da crise sub-prime, o nível de exportações apresentou um declínio, porém, isto não afetou a tendência do aumento da participação de produtos primários, já que se bem os volumes de exportações totais foram afetados, a tendência das exportações de produtos básicos manteve-se ascendente de uma forma constante no período de consequências da crise.

Analisando a pauta exportadora, identificou-se os principais produtos exportados pelo país, sendo estes pertencentes ao setor de *commodities*, localizado no grupo de produtos básicos segundo a classificação do MDIC. Observando o aumento de participação destes produtos, assim como a diminuição do percentual dos produtos manufaturados, conclui-se que existe uma tendência de reprimarização na pauta de exportações brasileira no período de 2001 a 2016 segundo as características abordadas pelos autores observados. Os produtos básicos são dirigidos majoritariamente à China, a qual apresenta o nível mais alto de importações de básicos do Brasil no período, aumentando seu volume durante todo o período estudado e representando atualmente 10.8% de tudo o que é exportado pelo Brasil e 30,42% de toda a exportação de produtos básicos.

No que se refere à participação chinesa no processo de reprimarização da pauta de exportações brasileira, com base aos dados observados, é possível que a demanda externa da China apresente uma forte influência neste processo, já que suas importações do Brasil estão voltadas para os dois principais produtos que este produz, sendo estes a soja e os minérios.

Sozinha, a China é importadora de mais de um 70% das exportações de soja do Brasil e quase 50% do volume exportado de minérios, fazendo com que não somente cause uma influência no processo de reprimarização, mas também se apresente como um possível mecanismo de recuperação dos efeitos pós-crise. Isto se observa quando comparado aos demais parceiros observados, onde a China é o único país que mantém suas importações em um nível crescente dos principais produtos da pauta exportadora no período pós-crise, diferentemente dos demais parceiros, os quais apresentam uma queda nos volumes exportados no período de recessão.

Finalmente é importante observar que o propósito deste trabalho foi observar a existência da tendência de reprimarização na pauta exportadora e, especificamente, da influência da China no processo. Não pretende-se observar se dita tendência encontra-se presente na economia brasileira como um todo, assim como suas consequências positivas ou negativas no país. Já que isto implicaria a utilização de uma maior quantidade de variáveis para observar seus possíveis efeitos. Portanto, isto poderia ser um ponto de referência para futuras pesquisas em relação às consequências deste processo, assim como outras possíveis causas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVILA. R.I. “Efeito--China” no comércio externo brasileiro e gaúcho pós 2000. **Indicadores Econômicos**. FEE, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 83-92, 2012.
- BADO. Á. L. Das vantagens comparativas à construção das vantagens competitivas: uma resenha das teorias que explicam o comércio internacional. **Revista de economia & Relações Internacionais**, v.3, n.5, p. 5-20, 2004.
- BARROS DE CASTRO, L. Privatização, Abertura e Desindexação: A Primeira Metade dos Anos 90. Economia brasileira contemporânea: 1945- 2010 / [organizadores Fabio Giambiagi... et al.]. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- BENETTI. M. D. Boom exportador: ruptura ou continuidade do padrão de comércio brasileiro? **Indicadores Econômicos**. FEE, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 75-88, jul. 2006.
- BONELLI. R. Industrialização e desenvolvimento: notas e conjecturas com foco na experiência do Brasil. São Paulo: FIESP; IEDI. 2005.
- BRESSER-PEREIRA. L. C. The Dutch disease and its neutralization: a Ricardian approach. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 28, n. 1, mar. 2008.
- CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Econ. soc.**, Campinas, v. 21, n. spe, Dec. 2012.
- CASTRO, A. B. As novas tendências pesadas que estão moldando a economia mundial. **Antonio Barros de Castro: o inconformista - homenagem do Ipea ao Mestre**. Brasília: Ipea, 2011.
- CARVALHO. M; LEITE. C. **Economia Internacional**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CAVES. R; FRANKEL. J; JONES. R. **Economia Internacional**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CORONEL, D. A; DESSIMON, J. A. Vantagens Comparativas Reveladas e Orientação Regional de Soja Brasileira em Relação à China. **Estudos do CEPE**, n.26 – Julho/Dezembro, 2007.

DELFIN NETTO. A. Vantagem comparativa criada. **Valor Econômico**, 1 abr. 2003.

DOS SANTOS. A; ABRITA. M. B; GONZALES. É. Reprimarização e desindustrialização: análise dos impactos da lei kandir e da parceria com a china no complexo soja. 2014.

FIGUEIREDO, A. M, DOS SANTOS, M. L. Evolução das Vantagens Comparativas do Brasil no Comércio Mundial de Soja. *Revista de Política Agrícola - Ano XIV - Nº 1 - Jan./Fev./Mar.* 2005.

FRANKEL. J. A. *The natural resource curse: a survey.* Cambridge: NBER, 2010.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil.** 27. ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2005.

GONÇALVES. R. **O Brasil e o comércio internacional.** São Paulo: Contexto, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

KRUGMAN. P; OBSTFELD. M, **Economia Internacional: Teoria y política.** 7. ed. Madrid: Pearson, 2009.

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.

MOTA VEIGA, P. As transformações na indústria e o desempenho das exportações brasileiras nos anos 90, 1999.

LACERDA, A. C. *Desnacionalização. Mitos, riscos e desafios.* São Paulo: Editora Contexto, 2000.

LACERDA *et alli.* *Economia Brasileira.* 4 a Edição. São Paulo : Saraiva, 2010.

PALMA. G. *Four Sources of De-Industrialization and a New Concept of the Dutch Disease.* Stanford: Stanford University Press, 2007.

PEREIRA, E. A. Estagnação e limites do crescimento. **Política Econômica em Foco**, n. 2, set./dez. 2003.

PEREIRA, L. V. O efeito China nas Exportações Brasileiras na América do Sul. **Conjuntura Econômica**, 2012.

PINTO, E. C. A dinâmica dos Recursos Naturais no Mercosul na década de 2000: “efeito China”, estrutura produtiva, comércio e investimento estrangeiro. **Texto para discussão**, v.5, p. 2-46, 2013.

PINTO, E.; BALANCO, P. Transformações do capitalismo contemporâneo e os impactos para a América Latina: retrospectivas, mudanças e perspectivas. **Revista Olho da História**, n. 19, dez. 2012.

RICARDO. D. Princípios de Economia Política e Tributação. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RODRÍGUEZ. N. L. Crisis, Reprimarización y territorio en economías emergentes: caso Colombia. V **Jornadas de Geografía Económica AGE** Universidad de Girona, 2012.

ROWTHORN. R; RAMASWANY. R. Growth, trade and deindustrialization. IMF Staff Papers, v. 46, n. 1, 1999.

OEC – Observatório de Complexidade Econômica. Disponível em: http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/bra/#Balança_comercial

SAMPIERI. R. H; COLLADO. C. F; LUCIO. P. B. **Metodología de la investigación**. 5ta. ed. McGRAW-HILL. México: 2010.

SMITH. A. A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. São Paulo: Madras, 2009.

SONAGLIO. C. M. *et alli*. Evidencias de desindustrialização no Brasil: Uma análise com dados em painel. **Economia Aplicada**, v. 14, n. 4, 2010, pp. 347-372.